

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

DANIELA MEI LIPP NISSINEN

**GUARDIÕES DO KA'AY (CHIMARRÃO):  
memória e patrimônio vivo da cultura Mbya Guarani**

Porto Alegre

2020

DANIELA MEI LIPP NISSINEN

**GUARDIÕES DO KA'AY (CHIMARRÃO):  
memória e patrimônio vivo da cultura Mbya Guarani**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:  
Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Porto Alegre

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor Carlos André Bulhões Mendes  
Vice-Reitora Patrícia Pranke

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora Karla Maria Müller  
Vice-diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefia Samile Andréa de Souza Vanz  
Chefia substituta Rene Faustino Gabriel Junior

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenação Jeniffer Cuty  
Coordenação substituta Eráclito Pereira

CIP - Catalogação na Publicação

Nissinen, Daniela Mei Lipp  
GUARDIÕES DO KA'AY (CHIMARRÃO): memória e  
patrimônio vivo da cultura Mbya Guarani / Daniela Mei  
Lipp Nissinen. -- 2020.  
82 f.  
Orientador: Ana Celina Figueira da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Mbya Guarani. 2. Patrimônio vivo. 3. Chimarrão.  
4. Erva-mate. 5. Carijo. I. da Silva, Ana Celina  
Figueira, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre - RS  
Telefone (51) 33085067  
E-mail: fabico@ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

DANIELA MEI LIPP NISSINEN

**GUARDIÕES DO KA'AY (CHIMARRÃO):  
memória e patrimônio vivo da cultura Mbya Guarani**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em        de novembro de 2020

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva (Orientadora) – UFRGS

---

Profa. Dra. Lizete Dias Oliveira

---

Me. Rodrigo Rasia Cossio

*Aguyjevete* aos ancestrais e àqueles que, com graça e sabedoria, me apresentam os caminhos de um bem-viver: minhas famílias e amizades indígenas e não-indígenas.

## AGRADECIMENTOS

Dedico esta pesquisa, primeiramente, a *Mbya Kuery* - o povo Mbya Guarani. Este que tanto me encanta e ensina ao mesmo tempo. Agradeço pelas partilhas, escutas e silêncios tão necessários à aprendizagem de uma cultura tão ancestral e poderosa. Desejo que tenham sempre muita luz e *mbaraete* (força) para guiar seus caminhos nesta terra imperfeita. Em especial, gostaria de agradecer aos meus queridos amigos da aldeia Tekoa Yvyty, localizada no Vale do Maquiné-RS, que me apresentaram e guiaram ao conhecimento milenar do Carijo. Além de me receberem sempre de portas abertas em seu território para compartilhar histórias e momentos sagrados. Agradeço a José Verá Rodrigues, ao Cacique Ramon Brizoela, a Lucas Fernandes e a todos os moradores da comunidade pelo carinho e generosidade na acolhida e partilhas de conhecimento.

Também gostaria de dedicar este trabalho aos amigos Cristiano Kuaray (aldeia Tekoa Yvy'ã Poty), Sergio Kuaray (aldeia Tekoa Tarumã), Laercio Karai e Luciana Pará Mirim (aldeia Tekoa Nhundy) por me cederem seus depoimentos que tornaram esta pesquisa pulsante. Agradeço à comunidade da aldeia Tekoa Jataí'ty, localizada em Viamão-RS, por tantos encontros e trabalhos em conjunto. Em especial a Jaime Vhera Guyra, Claudio Vhera, Daniela Jaxuka e toda a sua família que considero, de alguma maneira, fazer parte. *Aguyjevete!*

À minha família de sangue a qual devo agradecimentos eternos por estar na terra vivenciando tanto: honro minha mãe Kátia Helena Lipp Nissinen e meu falecido pai Vesa Juhani Nissinen, e meus irmãos Carlo Johannes Lipp Nissinen e Leonardo Mikael Lipp Nissinen. À minha querida avó Marlene Lipp João pelas tantas conversas e escutas curiosas sobre as culturas indígenas e propriamente minha pesquisa. São eles meu esteio e meus grandes apoiadores nesse caminho que trilho.

Agradeço às minhas amigas que estiveram comigo nos convívios da Faculdade: Iandora Melo e Victória Deckmann. Grande amigas e parceiras no movimento por uma Museologia Indígena.

Aos amigos de longa data que me acompanharam nessa trajetória: Stefania Johnson Colombo, Larissa Ko Freitag Neubarth, Julia Lorenz Cabezudo Silveira, Thais Lindemayer Gomes, Julia Schirmer Valentini e Angelo Borgese Gomes.

Agradeço, por fim, e de coração à minha orientadora Ana Celina Figueira da Silva por me acompanhar tão sabiamente e acreditar no potencial de minha pesquisa e, em especial a Lizete Dias Oliveira e Rodrigo Rasia Cossio, examinadores do meu trabalho - deixo meu

agradecimento pelo tempo dedicado à leitura e apreciação das minhas palavras e as do povo Mbya Guarani.

*Peme'e jevy, peme'e jevy*  
*Ore yvy peraa va'ekue*  
*Roiko'i aguã*

(Restituam, restituam  
Nossa terra que vocês tomaram  
Para que a gente continue vivendo)

Memória Viva Guarani, canto 9



## RESUMO

O presente trabalho visa evidenciar a cultura viva do chimarrão e da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) do povo Mbya Guarani no Rio Grande do Sul. Apresenta a história sociocultural desse hábito sulino, objetivando elucidar a contribuição indígena para o mesmo, bem como a sua invisibilidade. Aborda o processo artesanal e ancestral de feitiço de erva-mate - o Carijo, o qual se origina da cultura Mbya Guarani. Evidencia, através de depoimentos e narrativas de representantes Mbya Guarani, coletados em entrevistas e análise audiovisual, os significados e funções atribuídos ao chimarrão e à erva-mate (*ka'ay* e *ka'a*, na língua Guarani). Defende esse elemento como um patrimônio vivo das comunidades indígenas. Conclui que o chimarrão é legado indígena do povo Mbya Guarani e importante na sua sobrevivência física e cultural. Considera necessária a revisão e atualização da historiografia, para visibilizar o legado ancestral desse grupo na construção social da identidade do Rio Grande do Sul, tanto no passado como no presente. Apresenta o campo da Museologia e do Patrimônio como potenciais mediadores na difusão do saber-fazer do chimarrão como manifestação cultural Guarani. Propõe a produção de uma exposição com curadoria compartilhada entre membros da comunidade Guarani, estudiosos da temática e profissionais de museus, bem como o reconhecimento e a inscrição desse saber como patrimônio cultural imaterial.

**Palavras-chaves:** Mbya Guarani. Patrimônio vivo. Chimarrão. Erva-mate. Carijo.

## ABSTRACT

The present work aims to show the living culture of the drink *chimarrão* or *mate* and *mate* herb (*Ilex paraguariensis*) of the Mbya Guarani indigenous people of Rio Grande do Sul, in Brasil. It presents the socio-cultural history of this southern american habit, aiming to elucidate the indigenous contribution to it, as well as its invisibility. The ancestral and artisanal *mate* herb production process, called *Carijo*, is evidenced as a creation by the Mbya Guarani. Through narratives collected during interviews with Mbya Guarani representatives and, by analysing declarations taken from documentary records, the meanings and functions associated with *mate* (*ka'ay* and *ka'a*, in the Guarani language) are explained. Defends this element as a living heritage of indigenous communities. The research concludes that *chimarrão* is undoubtedly an important indigenous legacy from the Mbya Guarani people, and has been responsible for its physical and cultural survival up to nowadays. Necessary revision and updating of the historiography are recommended in order to increase the ancestral legacy visibility and its meaningful importance in the social construction of past and present of Rio Grande do Sul identities. It is demonstrated that Museology and Heritage studies are potential mediators to increase and disseminate the knowledge of the *chimarrão* as a Guarani cultural manifestation. Finally, it is proposed that this knowledge should be recognized and adopted as an intangible cultural heritage and that a public exhibit could be organized with shared curatorship among members of the Guarani communities, researchers of the theme and museum technical staff.

**Keywords:** Mbya Guarani. Living heritage. Chimarrão. *Ilex paraguariensis*. Carijo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 <i>Ka'ay</i> e <i>Petyngua</i> , Aldeia Tekoa Jataí'ty.....	22
Figura 2 José Verá Rodrigues sorvendo seu <i>ka'ay</i> .....	25
Figura 3 Roda de conversa sobre a influência Guarani na cultura gaúcha - acampamento Farroupilha.....	28
Figura 4 O chimarrão, <i>ka'ay</i> .....	30
Figura 5 Distribuição de <i>Ilex paraguariensis</i> (erva-mate) na América do Sul.....	32
Figura 6 Pé de erva-mate plantado na Aldeia Tekoa Yy Rupa - Terra de Areia/RS.....	35
Figura 7 Carijo na Aldeia Tekoa Yvyty, Vale do Maquiné-RS.....	37
Figura 8 José Verá Rodrigues realizando o sapeco da erva-mate. ....	37
Figura 9 Corte da erva-mate, aldeia Tekoa Yvyty. ....	39
Figura 10 Sapecando a erva-mate - <i>ka'a omombiru</i> . ....	39
Figura 11 Separando os feixes de erva-mate - <i>ka'a omoxã</i> . ....	40
Figura 12 Feixe de erva-mate - <i>ka'axã'i</i> . ....	40
Figura 13 Organização dos feixes de erva-mate em vigas de taquara. ....	41
Figura 14 Estrutura do Carijo, Aldeia Tekoa Yvyty.....	42
Figura 15 Etapa do pilão no Carijo. ....	43
Figura 16 Representação de <i>Ka'a Yari</i> , a Deusa da erva-mate. ....	45
Figura 17 Desenho de José Verá Rodrigues representando o chimarrão. ....	46
Figura 18 Opy (casa de reza) na Aldeia Tekoa Guarita - RS. ....	49
Figura 19 Roda de <i>ka'ay</i> na Aldeia Tekoa Yvyty.....	51

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 PREPARANDO O MATE E REMEMORANDO HISTÓRIAS: as raízes por trás do chimarrão.....</b>	<b>21</b>
<b>3 ENTRE PARTILHAS DE MATE E CARIJOS: aprendendo com os Mbya Guarani..</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Carijo: cultura viva do povo Mbya Guarani .....</b>	<b>35</b>
<b>4 SORVENDO O KA'AY E ACESSANDO MEMÓRIAS: a erva-mate e o chimarrão como patrimônios vivos da cultura Mbya Guarani.....</b>	<b>44</b>
<b>5 QUANDO A MUSEOLOGIA ENTRA NA RODA: reflexões do campo museal e patrimonial na preservação do legado indígena do chimarrão.....</b>	<b>56</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DE TERMOS DA LÍNGUA GUARANI.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE B - Carta de apresentação .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE C - Carta de apresentação .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE D - Carta de apresentação .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE E - Carta de apresentação .....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE F - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas .....</b>	<b>78</b>

<b>APÊNDICE G - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas .....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE H - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE I - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE J - Roteiro de entrevista semi-estruturada .....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Conheci a erva mate com minha avó. Naquele tempo ela não comprava na venda. Eu subia pra pegar o galho, tirava e ela sapecava no fogo. Pendurava em cima do fogo e tirava em um pedaço de pano a parte que ia secando, depois pilava. Tinha erva mate no mato, na beira da estrada. Hoje a gente compra na venda. A gente tomava o mate de taquarinha. Minha avó só fazia de taquara e a cuia de porongo, plantada. Nhanderu também tomava assim.*

- José Verá Rodrigues, Tekoa Yvyty (Aldeia Campo Molhado, Maquiné/RS)

O presente estudo propõe-se a pesquisar o chimarrão no Rio Grande do Sul como manifestação e patrimônio cultural inerente à herança ancestral da memória, cultura e patrimônio vivo do povo Mbya Guarani, bem como evidenciar a invisibilidade da contribuição ameríndia para a existência desse hábito tão arraigado na cultura sul-rio-grandense. Apesar de apresentar vibrante e diverso conjunto de manifestações e elementos culturais ancestrais, a presença e o protagonismo dos povos indígenas são extremamente esmaecidos na construção social da identidade do Rio Grande do Sul, tanto no passado como no presente.

A milenar influência das populações indígenas na constituição e renovação da dimensão e tradição sociocultural do Brasil são potentes confirmações de sua presença, atividade e desenvolvimento neste território que apresenta, até hoje, a herança de uma diversidade de conhecimentos tradicionais – em grande parte manifestada na preservação de saberes e fazeres pelos grupos originários. Dentre as ricas contribuições, encontra-se o hábito sulino de consumir a infusão da erva-mate (chimarrão), denominada pelo grupo Mbya Guarani como *ka'ay*. Este passa a transbordar, literalmente, fronteiras de diversidade e intolerância étnica para, então, se consolidar como símbolo unificador de uma cultura que constantemente é revisitada e inventada, a *gaúcha*.

Ao mesmo tempo em que é um hábito e elemento disseminado na região sul do Brasil, e por isso intensamente conectado, em especial, ao cotidiano da sociedade sul-rio-grandense, o chimarrão tem a sua origem indígena desconhecida e/ou mesmo é resumido a uma invenção da cultura regional compartilhada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), a exemplo. Desta maneira, é necessário atentar que este elemento, como contribuição visível e extensiva da cultura ameríndia, bem como da relação interétnica estabelecida a partir do projeto colonizatório, permite reforçar a necessidade de se reconhecer e respeitar a diversidade de identidades formadoras da cultura no Rio Grande do Sul.

Os povos indígenas do Rio Grande do Sul - aqui representados pela parcialidade étnica Mbya Guarani, subgrupo do povo Guarani, milenarmente trouxeram consigo sua cosmovisão baseada sobretudo nas suas relações e interdependências harmoniosas com o meio natural. Desta relação, elementos socioculturais adaptaram-se e hábitos foram integrados às relações com a terra sulina. Dentre estes, destacam-se os saberes e as relações envoltas pela *ka'a*, da língua guarani, “erva-mate”, da qual origina-se *ka'ay* (infusão de folhas da erva-mate), importante bebida não só em seu valor nutricional e energético mas, sobretudo, de fortalecimento espiritual. Atualmente comumente reconhecida como chimarrão e/ou mate, demonstra ser um saber-fazer e manifestação cultural integradora e carreadora de simbolismos, espiritualidade/ritualística e, especialmente, de resistência e resiliência dos modos de ser e bem-viver de grupos indígenas - seja através dos movimentos de reconhecimento identitário e territorial, ou da existência de uma cultura híbrida, mas com forte base nos valores ancestrais. Reconhecendo que, para este povo, cultura e ambiente estão diretamente integrados e coexistem no mesmo espaço (seja este físico ou metafísico), sendo necessário o acesso e a preservação de ambos para a manutenção da cultura Mbya Guarani e de seu sistema socioecológico imemorial, do qual trataremos neste estudo.

O meu envolvimento com a cultura Mbya Guarani iniciou-se no ano de 2016, em pleno início de curso na Universidade, o qual considero relevante por reunir vivências e diálogos interculturais que teceram o meu caminho não só acadêmico, mas também de vida, direcionado ao fortalecimento desse povo tão querido e resiliente e, de certa forma, aos meus valores e desenvolvimento pessoal. A primeira entrada no território Mbya Guarani “demarcado” - faço as aspas pois considero que não só Porto Alegre, mas o Brasil em sua extensão é território indígena - se deu na Tekoa Jataí'ty, também conhecida como aldeia do Cantagalo, localizada nos limites do município de Porto Alegre e Viamão/RS. A visita foi possibilitada por evento promovido pelo Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIT/UFRGS) em parceria com Jaime Vherá Guyrá, na época liderança da Tekoa. Intitulado “*Mbya Jeguatá*”, significando “a caminhada Mbya”. O encontro possibilitou que estudantes de diversos cursos de Graduação e Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) experienciassem, em uma jornada de deslocamento à cultura viva Mbya Guarani, seu território, língua e saberes.

Na sequência, em 2017, pude experienciar o processo de retomada do território ancestral que hoje abrange a Tekoa Ka'aguy Porã, em Maquiné/RS. Estabeleci o contato e a vivência afetiva com a comunidade e integrantes do movimento indígena, tanto do *Mbya Kuery* como

*Jurua Kuery*, sendo respectivamente as coletividades do povo Mbya Guarani e dos não-indígenas e/ou “brancos”, a partir do idioma e perspectiva Guarani. O diálogo e a valorização intercultural se ampliou de tal forma que em meus trabalhos acadêmicos, sempre que possível, tratava do patrimônio vivo deste povo, destacando a pesquisa que realizei junto a colegas da disciplina História do Rio Grande do Sul aplicada à Ciência da Informação, ministrada pela Professora Ana Celina Figueira da Silva, na qual tratamos sobre os saberes e fazeres indígenas e africanos como legado de resistência e patrimônio cultural no Rio Grande do Sul: o *ka'ay* (chimarrão) e o Tambor de Sopapo.

Desta experiência surgiu a motivação de propor, dentro da disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica do Curso de Museologia, a qual antecede a Prática de Exposições Museológicas, que um dos núcleos da exposição curricular pudesse abordar e comunicar o modo de ser Guarani e sua cosmovisão. Aos poucos, e em conjunto com outros colegas empenhados na causa indígena, pudemos ver materializado o processo de pesquisa referente à temporalidade Mbya Guarani, a qual inseriu-se na Exposição “*Tic-Tac: nas cordas do tempo*” e ganhou cores com artesanatos, fotografias e depoimentos da comunidade Mbya Guarani da Tekoá Jataí'ty, em uma experiência de curadoria compartilhada. Mais uma vez os caminhos se encontravam e pude retomar o contato com essa comunidade, que antes se restringia a apenas um momento de primeiro contato e contemplação, para se tornar em contínuo encontro e exercício reflexivo de representatividade intercultural e, portanto, desafio em apresentar a cultura do *outro* de forma adequada e respeitosa na narrativa e espaço museológico, o que até então não havia experienciado. Dessa imersão originaram-se muitas convivências, sendo momentos de escuta, de silêncio, dificuldades e alegria com a família de Jaime Vherá Guyrá, que resultam em um vínculo de confiança e respeito que se estende até o momento da escrita desta pesquisa e que se firma no transcorrer do espaço-tempo.

Para além das pesquisas e imersão em bibliografias ameríndias, tive a felicidade e oportunidade de participar de alguns *potiró* (mutirões) de apoio à cultura Mbya, destacando a experiência de participar de dois Carijos - feito artesanal da erva-mate na tradição Guarani, na Tekoa Yvyty (aldeia Campo Molhado, Vale do Maquiné/RS), os quais me trouxeram inspiração para pesquisar sobre o legado ancestral Guarani da erva-mate, que é milenar e atual ao mesmo tempo. Vi, na prática, a importância desse hábito e da erva-mate para o povo Guarani. A partir dessa vivência, a pesquisa que havia realizado anteriormente e se restringido à escrita ganhou vida através de um envolvimento sensorial e afetivo e reverberou na intenção de reunir os conhecimentos absorvidos e dar continuidade ao caminho da pesquisa neste trabalho. Entendo



este ser aberto a contribuições e alterações, uma vez que a cultura é dinâmica e novas memórias sempre são passíveis de se integrarem para a transmissão e atualização desse elemento que se insere na identidade e no cotidiano de muitos sujeitos e coletivos.

A ancestral resistência dos povos originários que já chegaram a representar a maior parte da população em determinados momentos da história do Rio Grande do Sul, reverbera na contemporaneidade através do hábito do consumo do chimarrão pelos sujeitos Mbya Guarani. Importa, dessa maneira, evidenciar a urgência do reconhecimento e da preservação do seu uso sociocosmológico por este grupo indígena. É presente o anseio pela transmissão do conhecimento relacionado à fabricação artesanal da erva-mate através do Carijo (processo ancestral de origem Guarani) e, mais recentemente, pela busca manifestada por algumas coletividades em conhecer, reintroduzir e retomar essa última tradição nos seus territórios através do plantio e o manejo da erva-mate (*Ilex paraguariensis*), planta que integra e permite a expressão imemorial dos usos e saberes etnobotânicos envoltos pelo chimarrão e, conseqüentemente, pela cultura deste povo. Dessa forma, o presente trabalho propõe-se a evocar o *ethos* presente através de símbolos materiais e imateriais de afirmação e contribuição identitária dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e seu legado patrimonial, a partir da memória e cultura viva do povo Mbya Guarani: a história sócio cultural, tangível e intangível por trás da erva-mate (*ka'a*) e do chimarrão (*ka'ay*).

Dessa maneira, a pesquisa é alavancada a partir das seguintes questões: Quais as funções e sentidos atribuídos à erva-mate (*ka'a*) e ao chimarrão (*ka'ay*) por sujeitos da coletividade Mbya Guarani? Como é apropriado e reconhecido esse bem e manifestação cultural presente na história e cotidiano da sociedade sul rio-grandense? Como pode o campo museal e patrimonial contribuir para a valorização da memória e cultura viva do povo Mbya Guarani (*Mbya Reko*) concernente ao conhecimento e tradição do chimarrão?

Como objetivo geral a pesquisa visa evidenciar a origem e o legado ancestral do chimarrão (*ka'ay*) e da erva-mate (*ka'a*) relacionada ao povo Mbya Guarani como contribuinte na construção da sua cultura e patrimônio no presente, bem como da identidade sul rio-grandense. Já como objetivos específicos pretende evidenciar o legado indígena ancestral do hábito do chimarrão e sua representação na atualidade; demonstrar a importância da erva-mate para a sobrevivência física e cultural das comunidades Mbya Guarani no Rio Grande do Sul; evidenciar o campo museal e patrimonial como potencial facilitador da renovação do diálogo intercultural frente à história sociocultural do chimarrão e contribuir para o fortalecimento e

manutenção da cultura, memória e patrimônio vivos do povo Mbya Guarani e na visibilidade da luta pela terra originária que permite o seu *Mbya Reko* - o modo de ser e viver.

É pulsante e presente a força, a sabedoria e resiliência do povo Mbya Guarani, que há mais de 500 anos segue mantendo vivas suas tradições culturais, mesmo frente a tantos retrocessos e atitudes discriminatórias por parte da sociedade civil e dos poderes públicos, que deveriam respeitar e assegurar o desempenho e fruição de sua cultura e modo de ser e estar na terra. É com essa percepção e admiração, e em especial pelo aprendizado mútuo que venho tendo com a comunidade Mbya Guarani, com a qual cultivo caras amizades e parcerias, que pretendo contribuir de alguma maneira para a visibilidade da causa indígena e de um legado originário tal qual é o chimarrão. Meu desejo é de que, assim como o chimarrão é presente no dia a dia de grande parte da sociedade gaúcha, que seja também o (re)conhecimento, estabelecimento de redes de fortalecimento, conscientização e valorização da causa e do movimento indígena.

É, portanto, uma pesquisa dedicada e em conjunto com os Mbya, destacando a importância dada às memórias e ao protagonismo deste grupo com relação ao chimarrão e à erva-mate, que abarcam direta e indiretamente questões cosmoecológicas, antropológicas e ambientais, as quais apresentarei a partir do viés da Museologia. Destaco esta como Ciência emergente para tratar do campo das relações interculturais com o potencial de pesquisar e comunicar a memória (viva) dos povos indígenas no Brasil. Por mais que no curso de Museologia a temática indígena não seja sempre abordada, devemos considerar que, tanto este como a Universidade, possibilitam encontros interdisciplinares nos espaços formais e não-formais de educação e, assim, torna-se possível estabelecer pontes com as dimensões e os movimentos indígenas. Dessa forma, a Museologia e o campo patrimonial são apresentados como facilitadores da renovação do diálogo intercultural, de modo a contribuir para o fortalecimento, a manutenção e a difusão da cultura e memória viva e na visibilidade da luta pela terra originária que permite o *Mbya reko*. Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta caráter reflexivo, analítico e crítico. A metodologia empregada para obter os dados a serem analisados e descritos compõe-se de documentação direta e indireta. Objetiva-se gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da Ciência da Museologia e da Nova História Indígena, sendo, portanto, uma pesquisa básica. Ademais, caracteriza-se como pesquisa aplicada pelo objetivo que apresenta em gerar conhecimentos para aplicação prática, tal como a proposta de elaboração de exposição museológica apresentando dados da pesquisa à sociedade, de maneira pública e acessível.

Dessa forma, o procedimento técnico que possibilitou a pesquisa se deu através da pesquisa bibliográfica, documental, experimental, sendo, portanto, um trabalho de caráter exploratório, descritivo e participativo. O levantamento de informações se deu através de observação direta e de entrevistas realizadas junto a determinados coletivos Mbya Guarani do Rio Grande do Sul, além de um representante do estado de Santa Catarina - de forma a reunir as memórias e narrativas envoltas pelo chimarrão conforme a sua cosmologia. Participaram da pesquisa representantes das comunidades: aldeia Tekoa Yvyty (Maquiné-RS), aldeia Tekoa Nhundy (Estiva-RS), aldeia Tekoa Yvy'ã Poty (Camaquã-RS) e aldeia Tekoa Tarumã (Araquari-SC). Ressalta-se a necessidade de terem sido adaptadas as entrevistas para o meio virtual, uma vez que o trabalho se deu em meio à crise da pandemia de coronavírus. Igualmente, anteriormente foram realizados deslocamentos para estudar o fenômeno do chimarrão nas aldeias Mbya Guarani e obter dados que fortalecessem a pesquisa de acordo e de maneira respeitosa para com a cultura viva desse povo indígena.

É, portanto, uma pesquisa participante, uma vez que, como pesquisadora e amiga dos Mbya Guarani, a promovi em diálogos direcionados, como entrevistas semi-estruturadas (Apêndice C), mas também de maneira espontânea e informal como em rodas de chimarrão e demais vivências junto aos coletivos. Importa ressaltar que a abordagem da pesquisa é no âmbito qualitativo, uma vez que se vale da subjetividade e da memória dos sujeitos para a transmissão das funções e significados do chimarrão para a sua individualidade e coletividade, bem como do levantamento e análise bibliográficas e acadêmicas a partir do meu olhar como pesquisadora que vem compartilhando vivências com o povo Mbya Guarani.

De maneira a defender o chimarrão como cultura viva do povo Mbya Guarani, utilizei o conceito de patrimônio vivo, defendido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em um de seus documentos provenientes da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2019). O documento “Patrimonio vivo y pueblos indígenas” elaborado na Convenção explicita a importância de se reconhecer as manifestações culturais indígenas como parte integrante do patrimônio vivo, que por sua vez faz parte do patrimônio cultural imaterial. Já para apresentar o objeto de estudo como um hábito presente e em transformação utilizo o conceito de tradição inventada, de Hobsbawn (1984). Também faço uso do conceito de apropriação cultural, defendido por William (2019). Para explicitar uma possível ação de difusão do legado Mbya Guarani do chimarrão, à luz da Museologia, utilizo as premissas da Museologia colaborativa, sobretudo a de curadoria compartilhada, através das autoras Cury (2019) e Abreu; Russi (2019).

Além dessa Introdução, o trabalho foi organizado em mais 4 capítulos. No segundo capítulo - **PREPARANDO O MATE E REMEMORANDO HISTÓRIAS: as raízes do chimarrão**, apresenta-se um breve histórico da erva-mate no estado do Rio Grande do Sul, ao período das Missões Jesuítico-Guarani. São levantadas questões de apropriação cultural e invisibilidade indígena do passado até o presente.

No terceiro capítulo **ENTRE PARTILHAS DE MATE E CARIJOS: aprendendo com os Mbya Guarani** são abordadas informações sobre a presença e contribuição indígena na formação da diversidade cultural brasileira, em especial relacionada à flora, que neste trabalho é representada pela erva-mate. Trata-se, também, no subcapítulo “Carijo: cultura viva do povo Mbya Guarani” do legado que as comunidades têm na atualidade sobre o modo ancestral de produzir erva-mate, denominado de Carijo. Para isso, são analisadas fontes bibliográficas e audiovisuais, como o documentário Carijo, além de entrevistas com representantes Mbya Guarani.

Já no quarto capítulo **SORVENDO O KA'AY E ACESSANDO MEMÓRIAS: a erva-mate e o chimarrão como patrimônios vivos da cultura Mbya Guarani** objetiva-se apresentar os significados e funções do chimarrão e da erva-mate para o povo Mbya Guarani. Para tanto, são analisados depoimentos, em especial de jovens Mbya Guarani, que apresentam seus sentimentos e cosmovisões sobre estes elementos.

No quinto e último capítulo: **QUANDO A MUSEOLOGIA ENTRA NA RODA: reflexões do campo museal e patrimonial na preservação do legado indígena do chimarrão**, são abordadas referências e metodologias da área da Museologia de forma a manifestá-la como potencial canal de difusão e preservação da cultura Guarani. São apresentadas linhas de ações governamentais relacionadas ao campo patrimonial com o objetivo de defender o espaço das culturas indígenas nas políticas públicas, bem como estimular o reconhecimento do chimarrão como patrimônio imaterial do povo Guarani.

## 2 PREPARANDO O MATE E REMEMORANDO HISTÓRIAS: as raízes do chimarrão

*Erva mate e chimarrão são primeira história guarani que vem consumindo esse mate, ela é sagrada né.*

- Cacique Santiago Franco, aldeia Tekoa Yvy Poty

Apesar de sua extensa diversidade de manifestações e elementos culturais, a presença do indígena é extremamente esmaecida na construção social da identidade do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, na sua dinâmica atual. Segundo o antropólogo Oliven,

É comum a historiografia tradicional se referir ao território rio-grandense nos primórdios da colonização ibérica como “terra de ninguém”. Nessa operação, os indígenas eram desconsiderados já que eram vistos como “sem fé, sem rei e sem lei”. As pesquisas arqueológicas assinalam, entretanto, que o Rio Grande do Sul já era habitado há mais de 12.000 anos (OLIVEN, 2002, p.171).

Assim, a milenar presença e influência da população indígena na constituição e renovação da dimensão sociocultural do Brasil, e, especificamente do Rio Grande do Sul, são potentes confirmações de sua atividade e desenvolvimento neste território que apresenta, até hoje, uma diversidade de conhecimentos tradicionais – em grande parte traduzidos nos saberes e fazeres de grupos originários, como os indígenas. Dentre as ricas contribuições, encontra-se o hábito sulino de consumir a infusão da erva-mate (chimarrão), inicialmente denominada pelo grupo Guarani como *ka'ay*. No entanto, segundo o livro “Carijo - Saber cultural do Rio Grande do Sul, símbolo da resistência e conhecimento indígena e camponês na fabricação artesanal de erva-mate”, de autoria do biólogo Moisés da Luz e elaborado em projeto do Catarse - Coletivo de Comunicação e Produção Cultural (2014, p.2), “há um vácuo de conhecimento e valorização entre as origens do chimarrão e o costume tão arraigado hoje em dia”.

Visto a história de violenta dominação e apropriação da cultura indígena - que até a atualidade se repete - esta forma de expressão e hábito sociocultural acaba por se transformar em outros significados por meio de sujeitos que invadem e exploram o território brasileiro. Segundo William,

tomar manifestações culturais como a música, a dança, os trajes típicos, as expressões linguísticas, a arte, a culinária, os acessórios e desviá-los de sua origem e de seu contexto social e histórico é mais do que um simples projeto de apropriação. Ao adotar significações adulteradas, que não revelam sua essência e extinguem os traços de sua cultura, o próprio grupo étnico se põe em risco de desaparecimento. Contudo, o grande problema da apropriação cultural não se resume às alterações e desvirtuamento de

significados, está justamente no fato de concorrer para o genocídio simbólico de um povo. (2019, p.30).

Conforme expõe Ribeiro (2000), “o imigrante adventício exerceu influência deletéria e irrecuperável sobre o habitante nativo” (2000, p.10). A planta da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) - apresentando usos e simbolismos particulares - foi um elemento que intensamente representou a aproximação e imposição cultural entre colonizador e indígena, tendo o primeiro apropriado a cultura do segundo em detrimento de seu próprio desenvolvimento. Conforme a Proposta de roteiro para a constituição do dossiê para registro da Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani<sup>1</sup>,

As Reduções eram núcleos urbanos, cuja população podia chegar a cerca de 6.000 indígenas de diferentes etnias, com predomínio do Guarani, e dois a três religiosos. Interligados por caminhos, contavam com estâncias, para a criação de gado, e ervais, onde se cultivava a erva mate. (IPHAN, s.d. p.4, doc. eletr.).

Segundo o antropólogo José Catafesto, em depoimento ao documentário “Carijo” (2014), a erva-mate era um elemento presente nos tranSES e ritos espirituais que os *Karaí* (pajés/líderes espirituais) e as *Kunhã Karaí* (lideranças espirituais femininas) realizavam. Ainda para Catafesto, estes eram considerados os maiores representantes da oposição guarani frente à chegada e invasão europeia: pois, nos momentos de reunião, detinham da erva-mate como elemento carreador e integrador da fala, junto ao cachimbo sagrado (*petyngua*) (Figura 1).

**Figura 1 - Ka'ay e Petyngua, Aldeia Tekoa Jatai'ty.**



Fonte: Orlando Benitez, 2020.

<sup>1</sup> “A proposta de registro da Tava Miri São Miguel Arcanjo como lugar de importância e referência cultural para o povo Guarani foi apresentada pelos representantes das comunidades M'byá Guarani, com apoio da Superintendência do Iphan no estado do Rio Grande do Sul. A Tava, enquanto Patrimônio Cultural, converge significados e sentidos atribuídos pelo povo indígena Guarani-Mbyá ao sítio histórico que abriga os remanescentes da antiga Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo, localizado no município de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul.” (IPHAN, 2020). Em 2014 a Tava Miri foi registrada como patrimônio, tendo sido inscrito como bem no Livro de Registro de Lugares. Recentemente, em 2018, a Tava foi reconhecida como Patrimônio Cultural do MERCOSUL.

Assim, em um primeiro momento a erva-mate reflete um movimento de rebelião e má conduta dos Guarani: vista como algo “desnaturalizado” aos olhos dos Jesuítas, uma vez que inicialmente “quando tostada ou seca, e socada no pilão, é bebida ou inalada por Guaranis e Kaingangs em contextos rituais e xamânicos” (BECKER, 1995 apud FREITAS, 2005 apud LUZ, 2014, p. 17), passa a ser tida como algo do inferno por parte da Igreja Católica - que a denominava como “erva-do-diabo” (LUZ, 2014, p.18) - e passível de ocasionar o vício e a perda da razão, por conta de suas propriedades estimulantes. Segundo Montoya (1639 apud SOUZA, 1987, p.281 apud Sperotto 2018, p.12) “[...] o que descobri como coisa averiguada é que, nos tempos em que esses velhos ainda eram moços, não se bebia, nem ainda se conhecia, a não ser que da parte de um feiticeiro ou mago, que tinha trato com o demônio”. Por conta disto, o General Irala<sup>2</sup> e a Igreja decretaram a proibição de seu uso em toda a província, sob pena de excomunhão (OLIVEIRA, 1997, p.290).

Conforme Boguszewski (2007), apesar da tentativa inicial de proibir o seu consumo pelas populações da região, as Reduções Jesuíticas ocupavam a maior parte do território de origem da erva-mate e, posteriormente, percebem-na como um produto que, conseqüentemente, não só desenvolveria uma economia interna e externa às Reduções, mas também conduziria ao trabalho e alimentação dos indígenas e, dessa maneira, seu processo de catequização. Isto demonstra que algo antes realizado pelos indígenas de forma equilibrada e sem a intenção comercial, mas sobretudo espiritual, passou a ser transfigurado para atingir um desenvolvimento econômico exclusivamente europeu. Assim, mesmo a erva deixando de apresentar um caráter místico por conta da introdução deste processo produtivo (OLIVEIRA, 1997, p.290), os Guarani dão continuidade a sua significação original e mantém até a atualidade a cultura de manejo e utilização da *ka'a* – ainda que frente à redução de acesso às matas nativas por conta da dificuldade em retomar suas terras originais.

Desta forma, segundo Moisés da Luz (2014), “os jesuítas, observando o costume dos índios, os orientaram a realizarem cultivos da planta, ao mesmo tempo que a estudaram e definiram preceitos sobre preparo e cultivo da erva-mate” (BOMFIM, s.d. apud LUZ, 2014, p.18). Ainda, apesar da domesticação ter sido muito complexa (OLIVEIRA, 1997, p.288), os Jesuítas tiveram sucesso e, a partir de 1737, quase todas as reduções detinham de plantações de erva-mate, consolidando-se como os primeiros em todo o território da América a domesticá-la.

---

<sup>2</sup> Domingo Martinez de Irala foi um conquistador e colonizador espanhol, primeiro governador de Asunción - Paraguai. (Vergara, Espanha, 1509 Asuncion, Paraguai, 1556).

Chegando à quantia de 135 toneladas por ano de exportação, a atividade nos ervais destacou-se como a principal riqueza de cada redução, a qual permitia o pagamento dos impostos da Coroa (OLIVEIRA, 1997, p. 291).

Conforme o antropólogo Ruben Oliven,

No século XVII os bandeirantes vieram no encalço dos índios, parte dos quais estavam aldeados em reduções jesuíticas. A fundação pelos jesuítas dos Sete Povos das Missões a partir de 1682 significou a criação de centros econômicos de grande importância, onde os indígenas criavam gado e plantavam erva-mate. (OLIVEN, 2002, p.171).

Em 1750, com a assinatura do Tratado de Madri, em troca da Colônia de Sacramento, a Espanha cedeu a região a leste do Rio Uruguai - a Bacia do Prata - para Portugal, e ordenou que as Sete Reduções estabelecidas nessa região deveriam se transferir para a margem oeste, expulsando os jesuítas e indígenas. Os missionários não concordaram em abandonar suas terras, desencadeando os conflitos da Guerra Guaranítica (1754 a 1756), na qual os Guarani foram “derrotados” por exércitos portugueses e espanhóis. Após o período de opulência e ativação mercantil, impulsionado pelo monopólio do fabrico da erva até 1768 (BOGUSZEWSKI, 2007), os jesuítas são expulsos da América do Sul. Destaca-se a participação positiva dos jesuítas ao momento que introduziram e mantiveram o cultivo de erva-mate nas Reduções, possibilitando desenvolver técnicas de domesticação, a sua comercialização para as colônias espanholas e, mais importante, a manutenção da relação que os Guarani detinham com a mesma.

Nesse sentido, a erva-mate se consolidou como representante da força e vitalidade dos Guarani, que, até a atualidade, a utilizam em seu sistema sociocultural como forma integradora, curativa e, dessa forma, intensamente fortalecedora, resiliente e simbólica. Mesmo sendo o conhecimento sobre a erva-mate baseado na tradição Guarani, atualmente há uma diversidade de sujeitos e interações relacionados às suas potencialidades. Segundo Moisés da Luz,

essa interação com a cultura do sul da América do Sul é fortemente expressa através do hábito de tomar mate ou chimarrão, que atualmente é uma bebida democrática e cosmopolita, tanto no meio rural, como no urbano, pois é comum ver as pessoas tomando chimarrão em seus momentos de lazer e terem em casa para oferecer aos visitantes, assim como está disponível nos locais de trabalho, seja em um escritório, seja na lida do campo. (LUZ, 2014, p.11).

O chimarrão passa a transbordar, literalmente, fronteiras de diversidade e intolerância étnica para, então, se consolidar como símbolo unificador de uma cultura que constantemente é revisitada e inventada, a gaúcha. Ressalta-se que o modo como se utiliza o chimarrão nos dias de hoje está diretamente relacionado à maneira ancestral guarani: a cuia sustenta a erva-mate e a bomba, por mais que não seja mais de material orgânico, como a taquara, mantém o propósito.



São dois mil anos utilizando e preservando o modo tradicional Guarani de tomar o mate. Conforme disse José Verá Rodrigues (Figura 02) “*Nhanderu* que plantou [a erva], já tinha ela há 2 mil anos. Só apenas *jurua* que usa há 500 anos.”<sup>3</sup>

**Figura 02 - José Verá Rodrigues sorvendo seu *ka'ay*.**



Fonte: A autora, 2019.

Dois grandes ícones do movimento tradicionalista gaúcho, Glênio Fagundes e Barbosa Lessa<sup>4</sup>, eternizaram a erva-mate e o chimarrão em suas respectivas obras “*Cevando Mate*” (1995) e “*História do Chimarrão*” (1986). Nestes livros contam a história da origem do uso da erva-mate apresentando a figura do indígena Guarani como pioneiro no uso do mate. No entanto, por muitas vezes o refere de maneira estática, com o sujeito indígena localizado apenas nos eventos passados, quando suas contribuições seguem pulsantes até os dias de hoje.

Na obra *História do Chimarrão*, Lessa (1986) propõe apresentar o trajeto do legado do chimarrão sob o ideário tradicionalista vigente no Rio Grande do Sul. Afirma ser um hábito de grande relevância cultural no Brasil, especialmente nos estados da Região Sul e também nos países vizinhos. Demonstra a contribuição do povo Mbya Guarani para a existência do chimarrão, considerando-os como elo cultural entre sociedade indígena e não-indígena no Rio Grande do Sul. Já Fagundes (1986) em seu livro *Cevando Mate* expõe informações gerais sobre o hábito e os elementos inerentes ao saber-fazer da tradição sulina do chimarrão. Na obra, traz

<sup>3</sup> Depoimento extraído de vídeo “Palavras de Seu José Verá Rodrigues”. Ala Nuiza, 2020. 10”18min.

<sup>4</sup> Glênio Fagundes e Brabosa Lessa forma dois ícones do tradicionalismo gaúcho que se destacaram no campo da literatura relacionadas às tradições gaúchas manifestadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).

informações sobre a origem indígena da bebida, sua fabricação, além de etimologia relacionada à língua guarani.

Falta, portanto, a divulgação de obras escritas por indígenas que narrem suas próprias histórias e em seu próprio tempo, ou seja, não mais o sujeito indígena preso ao passado. A história e memória de *ka'ay* é viva e pulsa nas palavras de jovens como de Cristiano Kuaray: “Eu sempre falava que os gaúchos sempre falavam: “ah o chimarrão e fogo de chão e churrasco é do gaúcho!” Só que a história verdadeira não seria isso. Porque os gaúchos todos pegaram a herança que os Guarani deixaram. Tudo é dos povo Mbya Guarani”<sup>5</sup>. Já para o Cacique Santiago Franco, da aldeia Tekoa Yvy Poty,

Nossas culturas, nosso conhecimento é muito rico e sempre alguma parte o *jurua* sempre rouba, tipo gaúcho, que fala que chimarrão é dele mas não foi criado por ele. Quem primeiro consumiram foi o indígena, principalmente os Guarani aqui do sul. (Documentário Carijo, 2014 - 08'42 - 08'57).

Segundo Oliveira,

Apesar do Estado Nacional Brasileiro ter adotado uma língua única, o português, fala-se Guarani e Jê no estado do Rio Grande do Sul. Apesar de séculos de dominação de uma onda migratória sobre a outra, conseguimos encontrar traços culturais que persistem por milênios, como, por exemplo, a erva-mate dos Guarani; o churrasco com carne bovina, introduzido pelos europeus; e, as palavras e os rituais dos povos de língua Guarani e Jê. O Rio Grande do Sul é resultado de uma mistura de elementos que se iniciou há 12 mil anos, quando chegaram os primeiros habitantes. Mistura cultural que insistimos em tornar invisível quando contamos e recontamos apenas a história do povoamento do Rio Grande do Sul iniciado nos últimos 500 anos. (2005, p.32).

Seguindo esta lógica, em minhas pesquisas bibliográficas encontrei à venda, em um sebo, um livro raro denominado “500 anos de história da erva-mate”. Não cheguei a comprá-lo, visto seu valor acima da média, mas pude identificar um título que demonstra a exclusão de mais de mil anos de história da erva-mate. Fica explícita a invisibilização do papel dos povos indígenas na formação deste hábito tão arraigado como é o chimarrão, é visível a maneira excludente e autocentrada de contar a história sociocultural do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda, conforme Ariel Kuaray Ortega, jovem Mbya Guarani da Tekoa Koenju - São Miguel/RS, “além de invisíveis, nos tornamos estrangeiros numa terra onde sempre habitamos”<sup>6</sup>.

Para além da omissão na historiografia tradicional, é visível em ritos da cultura gaúcha o apagamento da presença e memória viva dos povos indígenas. Exemplo conhecido é o

<sup>5</sup> SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>6</sup> Trecho da Exposição Dja Guata Porã, Museu de Arte do Rio, 2017-2018.

acampamento Farroupilha, o qual anualmente, no mês de setembro, se instala no Parque da Harmonia, localizado em Porto Alegre-RS para celebrar a Guerra Farroupilha, ocorrida entre 1835 e 1845. Lá são exaltadas as tradições gauchescas, as quais tendem a excluir de suas programações outras culturas formadoras da identidade gaúcha, como são os indígenas e os negros. É, portanto, espaço de tradição inventada. Para refletir sobre a existência do hábito do chimarrão vinculado ao tradicionalismo gaúcha, o conceito de tradição inventada, de Hobsbawm (1984), propõe que:

[...] por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p.10).

Dessa maneira, a exaltação da figura do gaúcho sendo o “guardião” ou mesmo o inventor do chimarrão acaba por excluir mais de mil anos de história ameríndia relacionada a esse hábito. E essa tradição inventada, sendo repetida anualmente em eventos tradicionalistas como o acampamento Farroupilha, ocasiona não só o desconhecimento, mas o apagamento da verdadeira origem do chimarrão.

De forma a elucidar as implicações do processo colonizatório na apropriação cultural e silenciamento dos povos ameríndios, até o presente, William (2019, p.35) sinaliza que “sequestram-se produções ou traços de uma cultura subjugada e adotam-nos de maneira descontextualizada para tirar proveito daquilo que consideram interessante, ignorando os significados reais desses elementos.” Percebe-se, no caso do chimarrão, que em ocasiões como o acampamento Farroupilha, este tem seu legado omitido: é um elemento que passa a ser vinculado exclusivamente ao ideário gauchesco. Mas resta a questão, quem seria o gaúcho? Para além da imagem idealizada de um gaúcho pilchado, seria também o indígena, primeiro habitante deste território. Nessa operação, verifica-se que perde-se o sentido original da tradição do mate que, para a cultura Guarani, é tão sagrada e simbólica, mas também mantém-se a função de partilha inerente a esse povo.

No entanto, no ano de 2019 tive a alegria de assistir a uma palestra sobre a influência da cultura Guarani na identidade gaúcha no acampamento Farroupilha, promovido pelo Programa de Apoio à Comunidades Mbya-Guarani da BR-116 (FAPEU) (Figura 3). Esta foi conduzida por um importante Cacique da aldeia Tekoa Ka’aguy Porã, Maurício da Silva Gonçalves, em formato de roda de conversa. Neste momento o Cacique transmitiu sua sabedoria sobre o seu povo demonstrando a preocupação de passar para as crianças a cultura Guarani, que por muitos

hoje é invisível. Ademais, relatou que os indígenas não se apropriaram da cultura gaúcha, mas sim os gaúchos se apropriaram da cultura indígena. Que “a construção do povo brasileiro é feita pelos indígenas”. Ressaltou, também, que o povo Guarani respeita a natureza e dela é guardião.

Este evento se consagrou com um dos primeiros momentos de partilha no acampamento Farroupilha sobre a cultura Guarani direto com seus protagonistas. Importa, portanto, abrir espaço para a difusão desta cultura que é viva e integrante da identidade sul-rio-grandense.

**Figura 3 - Roda de conversa sobre a influência Guarani na cultura gaúcha - acampamento Farroupilha.**



Fonte: Fernando Bassani, 2019.

O próximo capítulo objetiva melhor apresentar o povo Mbya Guarani e a relação territorial que possui com a erva-mate, bem como explicar o Carijo - método ancestral de produzir a erva-mate.



### 3 ENTRE PARTILHAS DE MATE E CARIJOS: aprendendo com os Mbya Guarani

*Antes o Homem branco quando chegou no sul, no território guarani, praticou o genocídio contra os povos, e hoje se pratica o etnocídio, tentando matar a cultura. Mas isso eles não conseguem fazer, porque nossa tradição tem uma história muito longa, anterior à chegada dos colonizadores e todo dia que passa vamos ficando mais fortes, criando mais raízes. Se alguém tenta cortar essa árvore ela vai brotar de novo, porque as raízes são profundas.*

- Darci da Silva Karai Nhe'ery

No Rio Grande do Sul, estado mais ao sul do Brasil, o ato de consumir uma infusão da erva-mate - denominada chimarrão e/ou mate (Figura 4), é hábito cotidiano e importante símbolo cultural. A erva-mate, da espécie *Ilex paraguariensis* A. St.Hil e família botânica Aquifoliaceae, reconhecida como referência na identidade gaúcha, foi decretada, através de leis estaduais<sup>7</sup> - na forma de planta e bebida, como símbolo do Rio Grande do Sul.

**Figura 4 - O chimarrão, ka'ay.**



Fonte: A autora, 2019.

<sup>7</sup> LEI Nº 7.439, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1980 institui a Erva-Mate "*Ilex Paraguariensis*" como a árvore símbolo do Rio Grande do Sul e a LEI Nº 11.929, DE 20 DE JUNHO DE 2003 torna o chimarrão a bebida símbolo do Rio Grande do Sul.

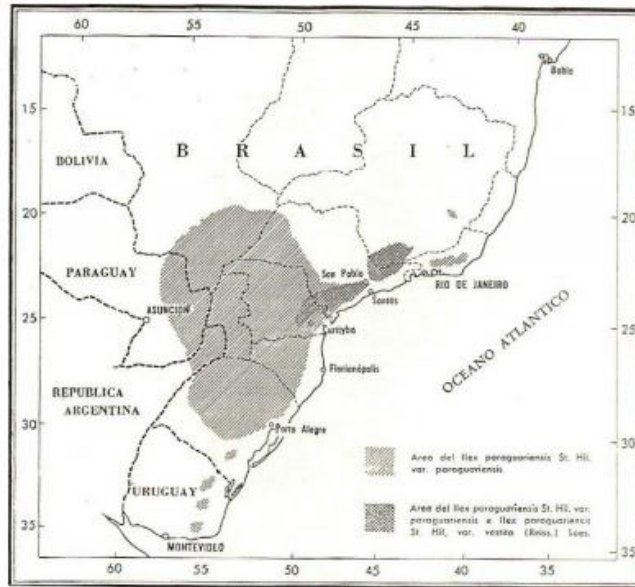
No entanto, em que pese esse reconhecimento legal e o arraigado hábito de tomar chimarrão, pouco se divulga sobre sua verdadeira origem, a qual foi iniciada pelos povos ameríndios que milenarmente habitavam as terras sulinas. Vinculado à identidade do ser gaúcho, o mate tem sua trajetória ameríndia invisibilizada, assim como muitas contribuições e manifestações culturais indígenas.

Dentre um prisma de etnias que se relacionaram e se relacionam com a erva-mate, este estudo apresenta a parcialidade étnica do povo Mbya Guarani. Quando de sua chegada no território e o contato com os ervais nativos, o povo Guarani estabeleceu relação direta com esta planta que, até o presente, é por eles considerada de grande importância em sua relação espiritual, social e alimentar. Conforme Sperotto (2018), é nos costumes, na cultura oral e na toponímia de diversas regiões do Brasil que se evidencia a importância da presença indígena e de seu profundo conhecimento sobre esse território. A *ka'a* (erva-mate) e o *ka'ay* (chimarrão) são, portanto, fatores muito importantes na territorialização e na cosmovisão dos grupos Guarani até o presente.

Os Mbya Guarani são um subgrupo da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi. Estão presentes na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina, no Uruguai e no Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo). Esse contínuo território entre quatro países é marcado pela caminhada guarani e pela busca por locais que permitam o modo de ser Guarani (*Mbya reko*). Os lugares onde os Guarani formam assentamentos familiares são chamados *Tekoa*, território/aldeia que reúne as condições físicas (geográficas e ecológicas) e estratégicas para formar o *Mbya reko* (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018). Conforme Souza (1987, p.280, apud SPEROTTO, 2018, p.10) nesse contexto de expansão, dados etnohistóricos permitem perceber que o padrão de assentamento desses grupos Guarani esteve condicionado, em parte, pela distribuição nativa da *Ilex paraguariensis* (Figura 5). Conforme Andrade, Oliveira; Rotta (2002, 1985 apud LUZ 2011, p.29), esta inclui:

os Estados do Rio Grande do Sul (centro-norte), Santa Catarina, Paraná (centro-sul e sudoeste), sul do Mato Grosso do Sul, e regiões reduzidas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, no Brasil; província de Misiones, na Argentina e sudeste do Paraguai.

**Figura 5 - Distribuição de *Ilex paraguariensis* (erva-mate) na América do Sul.**



Fonte: GRONDONA, 1954 apud LUZ, 2011, p.30.

A distribuição da erva-mate permite reconhecer o território habitado pelos grupos Guarani até os dias de hoje sendo, para eles, considerado como *Yvyrupa* - o território sem fronteiras. Ainda, conforme Eremites e Esselin (2015, p. 285), “os antigos ervais nativos da região platina são paisagens humanizadas, ou seja, registros materiais de relações sociais no tempo e espaço, apresentados sob forma de *ecofatos*, assim percebidas por arqueólogos”. Integram, portanto, as chamadas florestas antrópicas<sup>8</sup> e, assim, a erva-mate pode ser considerada uma planta semidomesticada<sup>9</sup> (EREMITES; ESSELIN, 2015). No entanto, neste largo território, atualmente são poucas as *Tekoa* que encontram em sua área demarcada os pés de erva-mate. Contudo, os Guarani buscam preservar suas tradições estabelecendo suas moradias e mesmo retomando terras próximas a áreas em que possam acessar recursos naturais, configurando uma luta política de sobrevivência física e cultural.

Por meio de uma listagem dos principais produtos cultivados pelos indígenas, a antropóloga e etnóloga Berta Ribeiro (2000) apresenta a riqueza e a importância do conhecimento botânico e fármaco dos grupos indígenas não só para a economia, mas também para o reconhecimento, preservação e uso harmônico dos recursos nativos ao ecossistema

<sup>8</sup> Conforme definição do dicionário online Michaelis, antrópico é aquilo “relativo ao homem ou ao período de existência do homem na Terra e às modificações por ele provocadas no meio ambiente”.

<sup>9</sup> Conforme Posey (1987, p.175, apud EREMITES;ESSELIN, 2015, p.285-286) “o termo “semidomesticada” é usado para indicar plantas que são intencionalmente manipuladas pelos índios, os quais conscientemente modificam o habitat do vegetal para estimular-lhe o crescimento.”



brasileiro. Ademais, para a mesma autora, o legado indígena transmite, através de uma diversidade de saberes e fazeres sustentáveis e, de forma especial, o “respeito, o amor e a humanização da natureza como fonte de recursos à alimentação e ao bem-estar do homem e à cura de suas enfermidades” (RIBEIRO, 2000, p. 9). Dentre tantas expressões culturais que são perpassadas entre os Guarani, a de viver, conhecer e preservar a mata (*ka'aguy*) e seus recursos está enraizada nos valores e cotidianos desse povo. É dela que eles detêm sua subsistência através das atividades agrícolas, da caça, pesca e coleta (RIBEIRO, 2000, p. 163) e, para ela, contribuem - seja na formação de sistemas agroflorestais, seja no reconhecimento como lugar sagrado ou mítico necessário de ser preservado -. Dentro desses “componentes simbólicos de sustentação da identidade” indígena (RIBEIRO, 2000, p.163), a erva-mate era e ainda é um elemento natural propulsor da espiritualidade e cosmovisão indígena, que, reunidas, formam o *Mbya reko* ou *Nhandereko* - o modo de ser Guarani. Segundo a Comissão Guarani Yvyrupa<sup>10</sup>:

Nhandereko é como nós, Guarani Mbya, chamamos o que o juruá chama de cultura. Mas nhandereko para nós é mais do que isso. É todo o nosso modo de ser, o nosso modo de viver, o jeito como nós educamos nossos filhos e nossas filhas, como enxergamos o mundo, como nos relacionamos com a nossa espiritualidade. É impossível para o juruá entender o que é o nhandereko, porque somente vivendo é que se compreende o que ele é. (Comissão Guarani Yvyrupa, 2018, doc. eletr.).

Logo, este modo de ser, estar e se relacionar é baseado em reciprocidade, e, sobretudo, harmonia com os outros – sejam estes humanos ou seres animais, naturais e espirituais, refletindo, portanto, a importância dada à preservação e à reverberação de seu *Nhandereko* através das gerações.

Encontram sustento, por exemplo, na produção de artesanato - com a utilização de materiais como taquara e sementes - para comercializar nos centros urbanos. Na agricultura respeitam os ciclos naturais e realizam o plantio de sementes tradicionais e sagradas<sup>11</sup> como o milho e o feijão. As estações do ano e a espiritualidade pautam as atividades produtivas e cotidianas: o *ara pyau* (tempo novo) é marcado pelo período da primavera-verão e rege o tempo do plantio e colheita, época em que também ocorre o *Nhemongaraí* (cerimônia de batismo) na *Opy* (casa de reza)<sup>12</sup>, já o *ara ymã* (tempo velho) entre o outono-inverno marca um tempo de maior recolhimento, menos frequência à casa de reza, e maior dedicação ao artesanato.

<sup>10</sup> A Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) é uma organização indígena que congrega coletivos do povo Guarani das regiões Sul e Sudeste do Brasil na luta pelo território. Ver mais em <http://www.yvyrupa.org.br/sobre-a-cgy/>.

<sup>11</sup> Conforme Barbosa (2015, p.32), “para os Guarani o plantio do milho vai além da produção para a subsistência do grupo, é sagrado. Está associado às cerimônias religiosas e ao sobrenatural”.

<sup>12</sup> Conforme Souza (2020, p.20), a casa de reza é o centro da cultura guarani, o lugar mais sagrado que existe, onde se escuta, se aprende e se ensina. Ademais, é considerada a primeira escola guarani, na qual se desenvolvem as práticas e ensinamento da cultura, o *teko* (bem viver).

Atualmente as comunidades Mbya Guarani enfrentam dificuldades de acesso e manejo dos ambientes que ocupam: muitas estão situadas em acampamentos na beira de estradas ou em terrenos inférteis, sem poder viver sua cultura de plantio e uso de remédios naturais. Além do prejuízo na produção de artesanato por não terem acesso às matérias orgânicas. Ao longo da história tiveram seus territórios tradicionais tomados e até hoje enfrentam conflitos pela defesa e retorno das terras originárias<sup>13</sup>. São exemplos o avanço da construção de empreendimentos próximos ou nas áreas em que vivem e a tomada de terras por latifundiários. Apesar das dificuldades, o povo Mbya Guarani mantém até hoje muitas das tradições de sua cultura que é milenar e sempre contribuiu para a preservação da biodiversidade e da harmonia com a natureza.

Seguindo esta lógica, mesmo não sendo cultivada e produzida na maioria dos territórios declarados indígenas – tendo em vista a redução do acesso às matas nativas por conta da dificuldade em retomar as terras originais e propícias ao plantio de culturas agrícolas indispensáveis para o desempenho da cultura Mbya Guarani -, a erva-mate (*ka'a*) é uma planta relevante na manutenção cultural, espiritual e territorial do povo Mbya Guarani, que a incorpora diariamente em sua prática alimentar através do chimarrão (*ka'ay*). Conforme Stumpf et al:

Para os Guarani, a erva-mate, presente de Nhanderu, é denominada caá (erva saborosa), sendo o chimarrão chamado de caá-i (água de erva saborosa), considerado uma bebida de grandes virtudes, que renova as forças, mitiga o cansaço, alimenta o corpo e cura a alma, mantendo o coração alerta e alegre. Este conhecimento é um exemplo da relação entre corpo e alma, que mostra uma visão de integração entre ambiente, cultura, sentimento e espiritualidade, a qual é característica na forma mbya guarani de viver e de compreender a realidade. (2017, p.146).

Conforme Kichel (2002, p.23 apud LUZ, 2011, p.37), a maior parte da erva-mate ofertada hoje, provém do processo mecânico, onde todas as operações são efetuadas automaticamente e em pouquíssimo tempo, desde o sapeco até o empacotamento do produto. Ainda em uso, o processo manual vem sendo abandonado gradativamente. Entre as aldeias Guarani é corrente o consumo da erva-mate industrializada. Tempass (2005) em seu estudo apresenta a informação de que na aldeia do Cantagalo, localizada em Viamão/RS, um morador iniciou o plantio de algumas mudas de erva-mate no quintal da sua casa, com o intuito de produzir sua própria erva e romper com a dependência do comércio “dos brancos”. Esse

<sup>13</sup> Recentemente, alguns grupos Mbya Guarani recuperaram seus territórios tradicionais nas chamadas “retomadas” - movimentos de resistência a favor da ocupação de espaços que apresentam condições para desempenhar o *Mbya reko*. São exemplos de retomadas a aldeia Tekoa Ka'aguy Porã, em Maquiné, aldeia Yy Rupa (Terra de Areia) e aldeia Arado Velho (Belém Novo, Porto Alegre).

fenômeno – do consumo da erva-mate industrial pelos indígenas - se dá pela falta de territórios adequados ao desempenho da cultura Mbya Guarani, conforme explanado anteriormente. Para Cristiano Kuaray, “aqui tem poucas [erva-mate] na aldeia, tem pouco mato, então mato tá muito acabado aqui e por isso a gente não tem. Mas pensamos em plantar aqui”<sup>14</sup>. Na tentativa de manter a tradição, algumas das aldeias que apresentam melhores condições de plantio têm alguns pés de erva-mate, como a aldeia Yy Rupa - Terra de Areia/RS, que tem um grande pé de *ka'a* plantado (Figura 6).

**Figura 6 - Pé de erva-mate plantado na aldeia Tekoa Yy Rupa - Terra de Areia/RS.**



Fonte: Leonardo Karai Oliveira, 2020.

Na próxima seção são apresentados relatos de aldeias que possuem condições de manejo da erva-mate, o qual resulta no feitio do Carijo - tradição Guarani de fabricação da erva-mate para consumo – que a seguir é descrito em suas etapas de produção.

### **3.1 Carijo: cultura viva do povo Mbya Guarani**

Verificou-se que duas aldeias ainda produzem sua própria erva-mate ao modo tradicional Guarani, o qual constitui-se através de uma série de etapas que permitem a secagem

---

<sup>14</sup> SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

lenta e tradicional, mais conhecida como Carijo, do guarani *Caá-ari-yú*, significando “erva em cima do amarelo ou claridade (fogo)” (LUZ, 2011, p.41). Cortes (1983 apud LUZ, 2014) descreve o processo com base nas seguintes etapas: corte; sapeco; quebra e feixe; secagem (em carijo ou barbaquá); cancheamento e soque. Ademais, segundo Luz (2011, p.41) “em cada uma das etapas participava uma pessoa e cada um recebia um nome, conforme a função desempenhada, como por exemplo: tarefeiro, ronda, sapecador, cancheador”. Essa tradição é realizada por famílias de pequenos agricultores, quilombolas e comunidades Mbya Guarani. Constatou-se que, no estado do Rio Grande do Sul, o Carijo Guarani é anualmente realizado na aldeia Tekoa Yvyty, localizada nos altos do Vale do Maquiné-RS e na aldeia Tekoa Ka’a Mirindy, situada em Camaquã-RS.

A erva produzida é destinada ao uso interno e externo, ou seja, as aldeias se sustentam com a produção e venda de erva-mate tradicional. Vê-se, portanto, uma frequente procura pela reintrodução de técnicas ancestrais, como o Carijo, o qual, no entanto, segue desconhecido por alguns Guarani. Sergio Kuaray Moreira<sup>15</sup>, da aldeia Tekoa Tarumã diz não saber como é o processo e Luciana Pará Mirim Gomes<sup>16</sup> disse que já ouviu falar, mas nunca se aprofundou no assunto.

As novas gerações encontram nas suas raízes sustento para seguir as tradições dos mais velhos, honrando a sabedoria ancestral. Mesmo em meio a uma série de dificuldades como o acesso às matas nativas e a terras férteis, o movimento em busca da retomada de tecnologias ancestrais é amplo e vem se manifestando, por exemplo, pela procura da *ka’a hete’i*, da língua guarani, a erva-mate verdadeira:

Se você preparou [*ka’a*] então sabe que produto está tomando, né? Pra mim é importante, tanto é assim que eu vou querer também a muda da erva-mate e ter ali [na aldeia] porque isso depois a gente passa também pras crianças. Manter essa cultura - por isso que é importante voltar a fazer e a produzir -, por isso que pra mim é importante. A gente sente que aqui [*ka’ay*] é mais puro. (André Fernandes, Cacique da aldeia Tekoa Tenonde, Camaquã, 2015).<sup>17</sup>

<sup>15</sup> MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka’a* e *ka’ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>16</sup> MIRIM, Luciana Gomes Leopoldino Pará. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka’a* e *ka’ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>17</sup> Vídeo “Carijo Guarani”, Comunicação Kuery (2015), 4”55min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l6vsZYNzZAK&t=171s>>. Acesso em: 05/05/2020.

Essa procura de retomar as práticas tradicionais se manifesta, também, em iniciativas de grupos não-indígenas em viabilizar os Carijos, como faz o grupo do Sítio da Amizade, localizado em Viamão-RS. Estes mobilizam, desde 2012, a realização de Carijos (Figuras 7 e 8) com a participação de representantes Guarani na Terra Indígena do Campo Molhado - aldeia Tekoa Yvyty.

**Figura 7 - Carijo na aldeia Tekoa Yvyty, Vale do Maquiné-RS.**



Fonte: Lucas Fernandes, 2019.

**Figura 8 - José Verá Rodrigues realizando o sapeco da erva-mate.**



Fonte: Lucas Fernandes, 2019.

Tive a oportunidade de participar de dois Carijos ocorridos em 2018 e 2020, este último antes do período da pandemia. Nos Carijos aprendemos muito com a sabedoria dos mais velhos e dos jovens também. As palavras e silêncios de José Verá Rodrigues, sábio da comunidade, guiaram o feitio e nos trouxeram muito conhecimento. No dia dezesseis de janeiro de 2020 iniciou, na aldeia Tekoa Yvyty, o 16º Carijo da Amizade, nome dado em virtude de ser realizado em conjunto com o Sítio da Amizade. Chegamos com o sol se pondo e fomos acolhidos com fogo de chão, pois, apesar de estar em pleno verão, estávamos a 900 metros acima do nível do mar e, por isso, sentíamos frio. A Aldeia está localizada no Vale do Maquiné e é considerada como uma das Terras Indígenas demarcadas mais extensas no Rio Grande do Sul, com mais de 2.000 hectares. Possui, portanto, vasta fauna e flora nativas preservadas, graças ao assentamento Guarani, e ao fato de serem guardiões da biodiversidade. Entre xaxins, araucárias, onças e gralhas-azuis, encontram-se muitos pés de erva-mate nativos, os quais são utilizados para o feitio do Carijo e também cerimônias como o *Ka'a Nhemongaraí*<sup>18</sup>, batismo Guarani. O processo do Carijo iniciou com a coleta de erva-mate (Figura 9), de lenha para o sapeco e imbirá para produção de cordas. Na sequência preparou-se o fogo para realizar o processo de sapeco - *ka'a omombiru*, que consiste em passar levemente as folhas de erva-mate sobre as chamas (Figura 10). Posteriormente separou-se os galhos da erva-mate em pequenos feixes (*ka'axã'i*) - *ka'a omoxã*, (Figuras 11 e 12), a fim de posicioná-los em carreiras de taquara (Figura 13). Desfiou-se a fibra do tronco de imbirá (árvore nativa) para preparar pequenas cordas a fim de fixar os feixes nas vigas de taquara.

---

<sup>18</sup> O documentário *Ka'a'i – O ritual da erva-mate* (2014) - realizado pelo Centro de Trabalho Indigenista no Ponto de Cultura “Mbya Arandu Porã” (SP), apresenta registro audiovisual sobre os processos e significados envolvidos no rito da erva-mate da Aldeia Guarani Ribeirão Silveira, no litoral de São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3mbjJpN7KQ>>. Acesso em 28/06/2018.

**Figura 9 - Corte da erva-mate, aldeia Tekoa Yvyty.**



Fonte: Ala Nuiza, 2017.

**Figura 10 - Sapecando a erva-mate - *ka'a omombiru*.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 11: Separando os feixes de erva-mate - *ka'u omoxã*.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 12 - Feixe de erva-mate - *ka'axã'i*.**



Fonte: A autora, 2020.



**Figura 13 - Organização dos feixes de erva-mate em vigas de taquara.**



Fonte: A autora, 2020.

As vigas de taquara servem como telhado da estrutura do Carijo (Figura 14), ou seja, se posicionam no topo da estrutura de modo a receber o calor das brasas, sem ter o risco de pegar fogo. Após doze horas, normalmente na manhã seguinte ao início do processo, são retiradas as vigas e levadas para um espaço amplo em que se possa debulhar os feixes de erva-mate. Assim que são retiradas as folhas secas dos galhos, estas são trituradas manualmente - *ka'a omongu'i* e, posteriormente, com o auxílio do *angu'a* (pilão) (Figura 15), artefato tradicional na cultura Mbya Guarani. Depois de pilada, a erva-mate está pronta para ser consumida em formato de *ka'ay* e compartilhada nas tradicionais rodas de chimarrão.

**Figura 14 - Estrutura do Carijo, aldeia Tekoa Yvyty.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 15 - Etapa do pilão no Carijo.**



Fonte: A autora, 2020.

Assim é feito o Carijo, processo ancestral que até os dias de hoje brinda algumas comunidades Mbya Guarani com a *ka'a hete'i*, da língua guarani, a erva-mate verdadeira.

O próximo capítulo visa evidenciar os usos e significados da *ka'a* para o povo guarani, a partir de entrevistas com representantes de diferentes comunidades. Propõe demonstrar o viés intergeracional, espiritual e de fortalecimento cultural da *ka'a*.

#### 4 SORVENDO O KA'AY E ACESSANDO MEMÓRIAS: a erva-mate e o chimarrão como patrimônios vivos da cultura Mbya Guarani

*No princípio, Nhanderú Nhamandú, o Nosso Divino Sol, desejou ter uma bebida que pudesse fazer parte do despertar de seu olhar – o amanhecer. Nhamandú, então, falou para sua filha mais nova que ela seria a primeira árvore erva-mate. Ela respondeu: “Farei sua vontade, serei a erva-mate! Mas quero que minha vontade também seja a sua. As pessoas imperfeitas que na Terra viverão, ao desfrutarem de minha energia quando forem preparar, servir e tomar a bebida de erva-mate, deverão ter o mesmo ânimo, respeito e alegria que Eu. Com a sua luz, meu Criador, transmitirei a eles a nossa força e sabedoria. Eu serei a força da linguagem destas pessoas. Por último, que Eu faça parte de todas as cerimônias que revelarão os objetivos de seus enviados, os Mbyá, que seja Eu a possibilitar as revelações do sentido do nascimento de cada uma das Ñe’ẽ rete’i (pessoas)”. Seu Pai Nhamandú falou: “Que assim seja!”*

- Livro Os Guarani Mbyá, Danilo Christidis e Vherá Poty, 2015.

A erva-mate inicia seu processo de significação através da mitologia Guarani, em especial expressa pela lenda de *Ka'a Yari* (a Deusa da erva-mate) (Figura 16), que, segundo depoimentos dos Guarani e fontes textuais reunidos pelo Catarse - Coletivo de Comunicação e Produção Cultural, conta que:

Deus Tupã habitou inicialmente a Terra e criou tudo o que aqui existe. Dos primeiros habitantes, o cacique e sua linda filha ficaram na mata – ele por estar muito velho e não conseguir mais seguir sua tribo, ela para cuidar de seu pai. Um dia, um visitante enviado por Tupã foi muito bem recepcionado pelos dois, sem eles ao menos saberem quem era. Como retribuição, depois da generosidade demonstrada pelo pai e a filha, o mensageiro de Tupã se revelou e agraciou os dois com a muda de uma árvore. Ele ensinou que o velho cacique deveria colher suas folhas, secá-las, triturá-las e juntar o resultado com água para beber – isso lhe daria força e vigor. A árvore, por mais que fossem cortadas todas as suas folhas, voltaria a brotar e florir, sempre mais forte. O tempo passou, e Tupã imortalizou a filha do velho cacique, e a mesma foi transformada em deusa, Caá, protetora da erva-mate, árvore sagrada, símbolo da hospitalidade e fonte do chimarrão, herança guarani. (Cartilha Carijo, 2014, p.2)

Existem mais versões que relatam a origem da erva-mate mas, interessa ressaltar que em comum relatam os sentimentos de generosidade e amizade envolvidos pela planta. Assim o é quando transformada em bebida, que, tanto compartilhada ou a sós, se torna uma amiga, como relatam muitos Guarani. Ademais, importa considerar a importância da continuidade das histórias e narrativas para a cultura Guarani, sustentadas pela oralidade dos mais velhos - os xeramõi e xejaryi (avôs e avós). Levando em conta esse formato de transmissão, muitas histórias podem se transformar dando luz a diferentes versões de um mesmo acontecimento.

No caso da origem da erva-mate, diferentes relatos indicam que a planta seria feminina, conforme visto no conto de *Ka'a Yari*. No entanto, outras narrativas dão espaço para apresentar a erva-mate como um ser masculino. É o caso da história *Ka'arâ - A Erva Mate*, relatada por Souza (2020), o qual indica que as divindades Tupã e Jakaira criaram o menino *Ka'arâ*, um ser que pudesse servir aos humanos na terra:

Certo dia enquanto eles andavam, Tupã com seu poder de trovão e relâmpagos e Jakaira com as nuvens e fumaça, tranquilamente contando pelo caminho e transformaram e criaram o menino (ka'a). Quando o relâmpago tocou o chão e depois veio a neblina e as nuvens surgiu o menino. (SOUZA, 2020, p.53).

Ainda, conforme a história, Tupã e Jakaira levaram *Ka'arâ* para Nhanderu, o qual espalhou suas sementes pela terra, indicando que gritasse quando viessem tempestades ou chuva. Dessa forma seus criadores iriam lhe ouvir. Segundo Souza (2020, p.54), “por isso que hoje os Guarani usam muito *Ka'arâ*, pois quando vem tempestade ou chove pegamos logo a *ka'a*, rezamos e colocamos na brasa. Assim, Tupã e Jakaira podem ouvir a voz de seu filho gritar”. Ainda sobre essa crença, Luciana Pará Mirim diz que: “quando tá ventando, muito vento, a gente bota um pouco de *ka'a* no fogo, na brasa, que ela vai queimando aos pouquinhos e o vento vai parando. E não é qualquer pessoa que pode botar no fogo, é apenas a Kerexu e o Karai.”<sup>19</sup>

**Figura 16 - Representação de *Ka'a Yari*, a Deusa da erva-mate.**



Fonte: Arte de Daniela Nissinen e Juliana Martins, 2020.

Quando questionados sobre quem inventou *ka'a*, alguns jovens Guarani responderam que foi *Nhanderu*: Laercio Karai comenta que “numa linha mais mitológica e lendária, pros

<sup>19</sup> MIRIM, Luciana Gomes Leopoldino Pará. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

Mbya geralmente cada ancião e *Karai* vai falar que foi criado por *Nhanderu*. Então aí acreditamos que foi criado por *Nhanderu*<sup>20</sup> e e para Cristiano Kuaray “*Ka’a* - na história falam que ela foi a filha de *Nhanderu*. [...] Então por isso que pra nós *ka’a* é a filha do *Nhanderu* que tá na terra para os Guarani: pra cuidar dela e ela cuidar de nós”.<sup>21</sup>

Assim, para que *ka’a* se transformasse em *ka’ay*, o chimarrão, da natureza foram retirados os materiais necessários: da água tornou-se possível a sua infusão - que pelo fogo é aquecida, da cabaça/porongo (*yeruá*) fez-se a cuia (*kayguá*) que a acolhe e, da taquara, a bomba que lhe sorve (*takuapi*), conforme demonstra o desenho (Figura 17) de José Verá Fernandes, morador da aldeia Tekoa Yvyty.

**Figura 17 - Desenho de José Verá Rodrigues representando o chimarrão.**



Fonte: A autora, 2019.

Com suas cores vibrantes, o desenho representa a vitalidade que *ka’a* traz ao povo Guarani. José Verá captou os elementos constituintes do chimarrão Guarani, tanto materiais como imateriais. Para além da matéria, há o intangível que se manifesta na maneira espiritual de compreender os elementos naturais, tal como o Sol (*Nhamandu*), conforme a cosmovisão Mbya Guarani. De acordo com Afonso et al. (2015, p.181) “esta se caracteriza, em geral, como

<sup>20</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka’a* e *ka’ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>21</sup> SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka’a* e *ka’ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

a maneira particular de ver, pensar, ordenar, e sentir o mundo”. Sob o aspecto mais simbólico e espiritual, inerente a sua cosmovisão, a erva-mate envolve uma diversidade de ritos, os quais variam entre as diferentes aldeias que, no entanto, mantêm preservados os significados e direcionamentos originais dos mesmos. Nesse contexto *ka’aguy* - a mata, mais uma vez representa parte integrante do modo de ser indígena, reverberado através das palavras dos Guarani,

Nhanderu (Deus) nos criou para vivermos na mata. Tudo que tem nela nos beneficia. É de onde tiramos nosso remédio tradicional. Vivemos num lugar onde tem mata, mas já não é como antigamente porque desde que os juruá (brancos) tomaram nossas terras, eles só querem lucrar com as matas, ganhar dinheiro. Nós Mbyá-guarani somos parte da natureza, vivemos e morremos com ela e isso os juruá não compreendem. (Depoimento extraído do documentário *Ka’aguy Rupa* (2018), Comunicação Kuery/Coletivo Audiovisual de Jovens Mbyá-Guarani).

É visível, nessa fala, a diferença entre a percepção de mundo indígena e a ocidental com relação aos recursos naturais, sendo o primeiro diretamente conectado, de maneira respeitosa, com a natureza para desempenhar sua sobrevivência. Para Nouhuys:

As árvores, cipós e ervas nativas, estão integralmente ligadas ao Nhande Rekó (o modo de ser Guarani), bem como as matas e tudo que a elas está associado. A água limpa para beber, tomar banho e pescar; as madeiras para lenha ou construção; as frutas do mato; os remédios. Nada nesse contexto é menos importante. Tanto no aspecto material, quanto no simbólico e espiritual, o conhecimento e uso das plantas pelos Mbya Guarani é primordial para manter viva sua cultura milenar. (2018, p.28).

Ainda, de acordo com Tempass, “Foi Ñanderú (principal divindade Mbyá-Guarani) quem criou todas as plantas e animais para que eles se alimentassem. Desta forma, comer os alimentos tradicionais significa alimentar-se com a criação divina” (2007, p.178). Esta integração entre corpo e natureza se manifesta no hábito milenar de tomar o mate, o qual é sagrado para muitos Mbya Guarani. Quando questionados se *ka’a* e *ka’ay* eram sagrados, os jovens Guarani remetem suas falas aos anciãos e antepassados:

Eu acho que a avó também fala que o chimarrão é a bebida dos Deuses, *Nhanderu mba’e* (coisa de deus ou dos deuses). Ela fala que *ka’a* foi uma bebida criada por Deus pros Guarani e está muito nos mitos e nas lendas quando se fala do chimarrão. Então chimarrão é uma coisa sagrada. Tem várias maneiras de tratar chimarrão. Todas as coisas têm um *nhe’e*, que é algo que protege as plantas ou animais. De certa forma *ka’a* também tem protetores. Porque a gente tem que pedir licença a esses protetores quando vai usar a erva-mate, a planta, ou tomar chimarrão. Eu concordo com minha avó, seria a bebida dos Deuses<sup>22</sup>

<sup>22</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka’a* e *ka’ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

*Ka'a é nhe'e*, espírito dos nossos antepassados, que estão sempre todo tempo aí nos acompanhando. E nossa geração é a terceira e a gente tem certeza que estamos lembrando aquilo que nossos antepassados viveram, apesar de uma forma diferente mas é o mesmo pensamento e a mesma sabedoria. Não sei colocar em palavras mas é o que eu sinto que é algo muito além que a gente imagina que possa ser *ka'a*. Considero ser uma planta milenar.<sup>23</sup>

Conforme Sperotto (2018, p.13), “na Opy (casa de celebração) a erva-mate é uma planta de poder que está presente sempre que possível, pois representa a territorialidade e a fortificação física e espiritual para que os Guarani estejam na terra, sustentando o céu”. Esta planta está presente no rito do *Ka'a Nhemongarai*<sup>24</sup>, o batismo Mbya Guarani que é realizado na Opy (Figura 18), momento em que são revelados os nomes das crianças. Segundo da Silva (2020),

*Ka'a'i nhemongarai* é uma cerimônia que, através dela, se recebe o nome das pessoas, o tery etc. Por isso, o *Nhemongarai* é muito valorizado na cultura Guarani. Através da cerimônia de *ka'a'i*, o nosso espírito se fortalece. Porque cada *ka'axã'i* amarrado representa o nosso *nhe'e*. Essa cerimônia dura duas noites. A primeira noite é cerimônia de *xondaro kuery* e a segunda noite é de *xondaria kuery*. Dessa forma que é praticado a cerimônia. Através de *Ka'a'i Nhemongarai* é praticado a dança, o canto e a fala sagrada. Os *xamoi* dão aconselhamento para os jovens, para os casais e também mostra o caminho, de que forma a gente deve seguir para ser alguém na vida, para cuidar das crianças, dos filhos. É dessa forma que se adquirem os conhecimentos: através da fala dos mais velhos, no momento do ritual do *ka'a'i*. Esse *nhemongarai* de *Ka'a'i* acontece no ciclo de *Ara Pyau*, que compreende o período do final de julho até final de fevereiro, na cosmologia Guarani. Depois de fevereiro começa o *Ara Yma*. (SILVA, 2020, p.34-35).

Dessa maneira, conforme relato do Guarani Darci da Silva Karai *Nhe'ery*, em seu Trabalho de Conclusão de Curso direcionado aos *Nhemongarai*, estes sustentam-se como importantes ritos na espiritualidade Mbya Guarani. No entanto, devido a atual situação fundiária das aldeias no Rio Grande do Sul e o insuficiente plantio de erva-mate, impossibilita-se a realização do rito do *Ka'a Nhemongarai* em muitas aldeias. Porém, conforme relata Laercio Karai, “no ritual da erva-mate eu nunca participei por que a gente não tem a planta pra fazer *Nhemongarai*, mas em outras aldeias é possível porque eles plantam e tem bastante muda de erva-mate. Nunca participei, mas somos convidados pra ir nas aldeias.”<sup>25</sup>

Já Cristiano Kuaray relata que:

então na cultura Guarani sempre acontece o ritual, o batismo da *ka'a* que a gente fala, *Nhemongarai - ka'a Nhemongarai*. Então a gente participa sempre todo ano. Então

<sup>23</sup> MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>24</sup> Para mais informações sobre o *Ka'a Nhemongarai* ver as páginas 34 a 37 do TCC de Silva (2020), o qual traz, com detalhes, relatos do rito.

<sup>25</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.



todo ano quando vem a estação do verão, a gente sempre faz o ritual e eu sempre participo dessa vivência.<sup>26</sup>

**Figura 18 - Opy (casa de reza) na aldeia Tekoa Guarita - RS.**



Fonte: Vherá Poty, 2018.

Dessa maneira, apesar das dificuldades, percebe-se o contato, o conhecimento e o respeito para com o rito de batismo envolvendo a *ka'a*. Além de um importante alimento, a erva-mate possibilita a manutenção da sobrevivência física e cultural do Povo Guarani. Para Tempass,

o consumo de erva-mate (chimarrão) também auxilia na purificação do corpo. Mas a sua principal finalidade é aumentar a resistência à fadiga e amenizar a fome, possibilitando que os Mbyá-Guarani, em geral, comam menos e, assim, tornem seus corpos perfeitos para alcançar a Terra Sem Mal. (2005, p.123).

Para além do benefício ao corpo, o jovem Sergio Kuaray, da Aldeia Tekoa Tarumã, explica que “a erva em si, *ka'a*, ela é uma medicina própria da natureza, ou seja, ela é uma purificação da própria alma guarani”<sup>27</sup>. Destaca-se, assim, a *ka'a* também como alimento<sup>28</sup> de presença e função expressiva na dieta Mbya Guarani. Quando questionados sobre a frequência com que se toma *ka'ay*, os jovens Mbya Guarani relatam um considerável consumo do mate em seu cotidiano: Cristiano Kuaray, da Aldeia Tekoa Yva'ã Poty relata que “Aqui eu tomo

<sup>26</sup> SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>27</sup> MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>28</sup> Conforme Tempass, a erva-mate e o fumo são alimentos para os Mbyá-Guarani (2008, p.9).

bastante de manhã, quando acordo tomo bastante mate e à noite a gente vai na casa dos meus pais, avós ou primos e tomamos chimarrão. Mais ou menos duas ou três vezes por dia”. Já para Laercio Karai, da Aldeia Tekoa Estiva,

Depende muito do lugar onde estou, por exemplo aqui, quando acordo eu tomo chimarrão e meio-dia não tomo. À tardezinha eu tomo entre três até oito cuias de manhã ou de tardezinha, mas quando estou em outra aldeia pode variar: pode ser só de manhã ou só de tarde. Mas quando eu vou na casa do meu pai é direto.<sup>29</sup>

E para Sergio Kuaray Moreira, “sei que é de manhã, quase todo o tempo, assim que der vontade a gente pega e toma o chimarrão, é uma rotina”<sup>30</sup>. Nas palavras de José Verá Rodrigues,

sempre falo assim que a erva-mate é a alimentação da nossa alma e de manhã tem que usar ela, meio-dia e à noite. Pros Guarani é um pouco diferente a gente pra conversar primeiro tem que ser o mate, a cuia é um amigo, amigo de tudo. [...] Então sempre assim porque o mate ou a erva quem usa todo dia e depois parou um dia dois dias já pegaram dor de cabeça. Quando acontece isso nao precisa tomar remédio, vai fazer mal. Tem que procurar erva pra ela, por que nossa alma que tá com fome.<sup>31</sup>

Logo, o *ka'ay* pode ser encontrado diariamente incluído na alimentação das comunidades Mbya Guarani - pela manhã, à tarde e noite, e associado aos momentos de partilha e concentração entre familiares e amizades, em volta dos tradicionais fogos de chão presentes nas moradias (Figura 19). Simboliza força e vitalidade - não só pelo seu viés altamente nutricional<sup>32</sup>, mas também espiritual de proporcionar a conexão entre os próximos pela troca de palavras, possibilitando, também, os relatos de sonhos. Certa vez escutei de um Guarani que o chimarrão faz as almas conversarem.

<sup>29</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>30</sup> MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>31</sup> Depoimento extraído de vídeo “Palavras de Seu José Verá Rodrigues”, 2020.10”18min.

<sup>32</sup> Conforme Tempass (2005, p. 123) a erva-mate contém carboidratos, proteínas, potássio, ferro, cálcio, vitaminas A, B2 e C. Também contém flavonóides que lhe dão a propriedade antioxidante.

**Figura 19 - Roda de *ka'ay* na Aldeia Tekoa Yvyty.**



Fonte: Pará Reté Sanches, 2019.

Sobre o momento de confraternização em torno do fogo, tomando chimarrão, Laercio Karai conta que:

A mãe fala que o chimarrão é saúde pros Guaraní porque a primeira coisa que a gente faz quando acorda é fazer o fogo de chão e esquentar a água do mate, por que a gente acorda e toma primeiro o mate, depois o café. Não tem muito segredo porque em geral na aldeia que tu chega a primeira coisa é o chimarrão. O chimarrão une as pessoas, numa roda ao redor do fogo a gente vai conversando sobre os sonhos que a gente teve à noite ou o que a gente vai fazer durante o dia. A gente tá sempre acompanhado do chimarrão. Então a o mesmo tempo que traz a saúde, também une as pessoas ao redor do fogo. Essa é a importância do chimarrão.<sup>33</sup>

Ainda referente à espiritualidade, os relatos de José Verá Rodrigues apresentam os usos da erva-mate e expõem sua preocupação sobre a perda das tradições Guaraní entre os jovens,

a erva-mate é assim... porque o uso da erva... qual o significado da erva-mate? Muita gente não tem conhecimento. Antigamente se usava erva-mate de uma forma religiosa na chegada de um ano novo, principalmente quem tinha filhos. Nós usávamos a erva-mate na época de colheita. Hoje em dia não é mais assim. Para que nossos espíritos fiquem fortalecidos, para que nossos filhos se mantenham fortes. Antigamente se trançava erva-mate para dar nome aos meninos no batizado (Nhemongaraí). Levamos para a casa de reza acompanhada pelo *mbojape* (pão feito na cinza), que dá nome às meninas. É assim. Sempre foi assim nossa cultura. Devemos manter nossa cultura. (Jose Rodrigues Karai, 2018, documentário *Ka'aguy rupa* - 22:45 - 23:54).

Atenta-se, portanto, a uma transformação da cultura Guaraní entre as novas gerações que, no entanto, apresentam anseios em escutar e seguir os conselhos dos mais velhos:

<sup>33</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

[...] porque a gente acredita que desde os primórdios essa planta foi criada por *Nhanderu*, então foi passada de geração em geração. Então a gente vem guardando essa importância essa memória do *ka'ay* até os dias de hoje, isso eu aprendi com minha mãe e ela com a vó dela, e hoje também tô ensinando pros meus filhos. Hoje tenho uma filha grande e ela já gosta de tomar o chimarrão. Já passo o que aprendi com minha mãe e meu pai para ela.<sup>34</sup>

Demonstra-se, assim, a importância em honrar o legado ancestral e a voz dos sábios anciãos e anciãs das aldeias. O chimarrão é mais um bem cultural da tradição Guarani que representa sua cosmovisão e o *Mbya reko*. De maneira a defender o legado originário e a tradição cultural do chimarrão para o povo Mbya Guarani até o presente, evidencio o conceito de patrimônio vivo, a partir da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2019), direcionado aos Povos Indígenas. O documento indica que estes povos ostentam grande diversidade de patrimônio vivos tais como: “[...] usos, representaciones, expresiones, conocimientos y técnicas aún pertinentes y que dan sentido a la vida diaria. La práctica y transmisión de este patrimonio contribuye a la vitalidad, la fortaleza y el bienestar de las comunidades”. (2019, p.5). Conforme Victoria Tauli-Corpuz, Relatora Especial de Naciones Unidas sobre los Derechos Humanos de los Pueblos Indígenas:

[...] salvaguardar el patrimonio vivo es fundamental para los pueblos indígenas porque su patrimonio es la base de su identidad, de sus culturas y la transmisión continua de este patrimonio es la que va a fortalecer las identidades y las culturas de los pueblos. (UNESCO - PATRIMONIO VIVO Y PUEBLOS INDÍGENAS - CONVENCIÓN PARA LA SALVAGUARDIA DEL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL, 2019, p.4).

Para o jovem Mbya Guarani Laercio Karai, esse patrimônio tanto é material como imaterial, além de imemorial<sup>35</sup>. Registra-se, portanto, a noção global de patrimônio, exemplificada pelo uso da *ka'a*, que se justifica como imemorial uma vez que é empregada há mais de dois mil anos.

Ademais, a Convenção indica que “[...] salvaguardar el patrimonio vivo de los pueblos indígenas es importante para encarar algunos de los mayores retos del presente y construir sociedades inclusivas, resilientes y sostenibles para el futuro” (UNESCO, 2019, p.8), através dos seguintes exemplos:

**LENGUAS INDÍGENAS** *Las lenguas son vehículos del patrimonio vivo. Las taxonomías y los sistemas de clasificación pueden revelar formas poco*

<sup>34</sup> GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>35</sup> Idem.

*convencionales de percibir y comprender la flora y fauna de entornos naturales complejos. A su vez, esos conocimientos, asociados en la lengua, se suelen transmitir y expresar mediante prácticas y expresiones de una generación a otra*

**RESILIENCIA COMUNITARIA** *El patrimonio vivo atesora conocimientos con raíces locales que generan resiliencia frente a condiciones climáticas y ambientales cambiantes.*

**EDUCACIÓN DE CALIDAD** *La educación es importante para salvaguardar el patrimonio cultural inmaterial. La introducción de las lenguas y los conocimientos indígenas en los programas de educación facilita la transmisión intergeneracional del patrimonio vivo.*

**SOSTENIBILIDAD MEDIOAMBIENTAL** *El patrimonio vivo puede ayudar a proteger la biodiversidad. Muchas comunidades locales e indígenas han desarrollado modos de vida y prácticas íntimamente ligados a la naturaleza y respetuosos del medioambiente. (UNESCO - PATRIMONIO VIVO Y PUEBLOS INDÍGENAS - CONVENCION PARA LA SALVAGUARDIA DEL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL, 2019, p. 7-8).*

Quando questionados sobre o que é o patrimônio e se o chimarrão é um patrimônio Mbya Guarani, os jovens relataram diferentes perspectivas, mas todas convergindo para a afirmação deste como bem cultural Guarani:

Pra nós ela [ka 'ay] tem muita história, então a cuia e a erva vêm tudo de Nhanderu. Então a história que vem dela é do Nhanderu, então pra nós ela é a história do Guarani que veio pra ficar, que está na cuia, na erva e na água. Então pra nós ela é muito importante por que a história é sagrada.<sup>36</sup>

Patrimônio é uma palavra um pouco complicada de explicar, [...] tem as aldeias que não tem erva-mate, não tem nada, e onde há essa planta eu creio que é um patrimônio sim do povo Guarani. Então de alguma forma o que eu sei é que tudo que tá aqui na natureza do Nhanderu, ele que criou. Então o patrimônio maior dele, nós somos apenas usuários.<sup>37</sup>

Esses relatos afirmam a perspectiva indígena de reconhecimento de seu próprio patrimônio e, conseqüentemente, a urgência em se difundir e preservar a história sagrada, como muito se colocou entre os entrevistados. Conforme a Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, de 2003,

Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (2003, p.5).

<sup>36</sup> SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de ka'a e ka'ay. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

<sup>37</sup> MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de ka'a e ka'ay. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

O fato de ser reconhecido como símbolo do tradicionalismo gaúcho, como visto anteriormente, não exclui a atenção que deve ser dada à iniciativa de reconhecer, por meios regulamentares e políticas públicas, o chimarrão e a erva-mate como bens culturais da cultura Mbya Guarani. Ademais, pode-se relacionar a apropriação cultural do chimarrão pela sociedade não-indígena com a dicotomia entre pensamento ocidental e ameríndio. Conforme explana Viçosa & Menezes,

não se trata de buscar a negação de um pensamento em detrimento do outro. Pretende-se tornar possível a reflexão e o entrecruzamento entre um e outro pensamento. Permitir o andar junto e uma dialética do antagonismo, possibilitando uma crítica à hegemonia de um pensamento sobre outro. Impedir a subalternidade do conhecimento indígena e o exercício à diferença e à coexistência de pensamentos denominados ocidental e seminal. (2005, p. 183-184).

Kusch (2012), na obra intitulada *El pensamiento indígena y popular en america y la negación del pensamiento popular*, discorre sobre as encruzilhadas entre o pensar ameríndio e o pensar ocidental, evidenciando os caminhos para a reflexão da interculturalidade e da alteridade passíveis de serem estabelecidas nesses encontros. Possibilita uma crítica à hegemonia de um pensamento sobre outro, refletindo sobre a subalternidade do conhecimento indígena. O autor defende o reconhecimento e o acolhimento do pensamento seminal, que abrange o que é intuitivo, visceral, enraizado nas terras originárias do Sul, podendo ser representado pela cosmovisão do povo Mbya Guarani expressa na transmissão dos seus mitos, símbolos e ritos. Apresenta, também, reflexões para se construir um pensamento decolonial a partir da valorização da cultura popular latinoamericana, neste caso representada pelo protagonismo das comunidades ameríndias, e nos esforços da escrita de uma Nova História Indígena<sup>38</sup>. Os estudos de Kusch (2012) permitem evidenciar a origem e importância imemorial da erva-mate para o povo Mbya Guarani, possibilitando aproximações e divergências frente às narrativas consideradas oficiais e à história de grupos invisibilizados e marginalizados dentro da historiografia latinoamericana, como são os coletivos indígenas. Importa, portanto, encontrar caminhos para se estabelecer pontos de diálogo intercultural. No caso da história e memória viva de *ka'ay* e *ka'a* são interessantes propostas o audiovisual, como demonstram as experiências de registro realizadas pelo Coletivo de Comunicação Catarse, em seu documentário “Carijo”<sup>39</sup>, além das iniciativas das produções audiovisuais do Coletivo Kuery

<sup>38</sup> Para aprofundar a noção de Nova História Indígena, ver Filho (2019).

<sup>39</sup> Documentário realizado em 2014 que versa sobre as metodologias de fabricação artesanal de erva-mate a partir do Carijo, conhecimento indígena e de uso por agricultores familiares, indígenas e quilombolas no Rio Grande do Sul. 58'44min.

de jovens Mbya Guarani e da ONG Vídeo nas Aldeias<sup>40</sup>. Para além de vídeos e documentários, uma alternativa se sustenta na montagem de exposições de cunho educativo.

De maneira a ilustrar e apresentar a trajetória e o legado ancestral do chimarrão, propõe-se a elaboração de uma exposição em formato de curadoria compartilhada entre profissionais de museu, estudiosos da temática e comunidades Guarani. Há lacunas expográficas frente a este tema, pois não foi verificada nenhuma exposição que levasse como tema o chimarrão no contexto Mbya Guarani. Conforme Cossio (2015, p.180), “uma caminhada etnoecológica descolonizadora para o passado, de alguma maneira, permite reler as relações interculturais (e intercientíficas) do presente”. Logo, revisitar as histórias e narrativas e considerar as memórias vivas sob um viés crítico - na montagem de uma exposição, por exemplo, possibilita contribuir para uma Nova História Indígena. Esta se caracteriza por considerar, a partir da etnohistória, o indígena enquanto sujeito histórico atuante, diferente do que geralmente é representado nos livros didáticos e por determinados segmentos da sociedade civil (FILHO, 2019).

No próximo capítulo apresenta-se, portanto, a Museologia e o Patrimônio como áreas de proximidade para se desenvolver e propor ações práticas para o assunto. Não trata-se, portanto, de já apresentar uma proposta expositiva, em seu aspecto técnico/prático, com as etapas de elaboração, mas de indicar como uma exposição realizada através de uma curadoria compartilhada entre profissionais de museus e os Guarani pode contribuir na difusão do chimarrão como patrimônio vivo desse grupo indígena, visando seu reconhecimento e registro legal como patrimônio cultural imaterial.

---

<sup>40</sup> Criado em 1986, Vídeo nas Aldeias (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de um produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha. Informações em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/>>. Acesso em: 20/09/2020.

## 5 QUANDO A MUSEOLOGIA ENTRA NA RODA: reflexões do campo museal e patrimonial na preservação do legado indígena do chimarrão

*Museu é um grande alimento para nós todos. Nós estamos se alimentando por ele e vamos cada vez mais se alimentar.*

- Mestre da Cultura indígena: Cacique Sotero - Cacique do Povo Kanindé - Aratuba

Para evidenciar o legado ancestral e vivo do hábito do chimarrão e a importância da erva-mate para a sobrevivência física e cultural das comunidades Mbya Guarani no Rio Grande do Sul propõe-se, neste capítulo, apresentar a Museologia como ciência potencial nesta tarefa. As aproximações visam situar e defender estes elementos culturais como patrimônios culturais imateriais ameríndios.

A presença dos coletivos indígenas e dos patrimônios vivos que perpetuam em seus modos de vida está de maneira intensa relacionada aos diálogos interculturais com o mundo não-indígena (*jurua*) e, portanto, no caminho para um maior conhecimento e respeito à diversidade cultural. Neste cenário a Museologia, como ciência emergente, coloca-se como campo de atuação em favor dos movimentos comunitários.

Conforme a publicação do Projeto Ar, Água e Terra: Vida e Cultura Guarani do Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM):

A cultura Guarani possui uma riqueza de elementos pouco conhecidos e valorizados, os quais podem contribuir para um enriquecimento cultural renovador da nossa sociedade, com a sua visão espiritual, ambiental, sua forma de relação com os elementos naturais e sobrenaturais e entre as pessoas, e com seus valores de reciprocidade, respeito e solidariedade. (IECAM, s.d., doc. eletr.).

Dessa maneira, ressalta-se a importância em situar e difundir o mundo Guarani no mundo não-indígena de maneira respeitosa e a partir da voz de seus protagonistas, ou seja, os próprios indígenas. Uma vez que esta é uma crescente procura por parte dos coletivos indígenas. Assim, propõem-se como movimentos de aproximação entre a Museologia e os patrimônios Mbya Guarani, aqui representados pelo *ka'ay* e *ka'a*, a elaboração de uma exposição de curadoria compartilhada entre profissionais de museus, estudiosos da temática e comunidades Mbya Guarani, assim como a inscrição destes bens como patrimônios imateriais do povo Guarani, junto ao IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico e Natural. Ressalta-se a importância em reconhecer as recomendações de acordo com os anseios e demandas dos coletivos Mbya



Guarani, verdadeiros detentores da tradição e legado ancestral da erva-mate e do chimarrão. Está assegurado, na Constituição Brasileira, Art. 215 que o “Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, destacando o inciso 1º: “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, doc.eletr.).

A fim de tecer sobre a afirmação da Museologia como campo científico, Guarnieri (1979), estabelece distinções entre a Museografia, como o conjunto de técnicas e práticas museais – e a Museologia, como uma nova ciência proposta. Para Guarnieri (1979), a Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com os sujeitos, a cultura material e imaterial por eles manifestada, além da realidade em seu entorno. Considera, portanto, o fato “museal” - ampliando o objeto de estudo da Museologia para além da estética, do material. Assim, a Museologia passa a se configurar como campo de estudo das relações entre a cultura e seus grupos envolvidos, do museu como fenômeno e de sua interferência nos mais diversos contextos sociais, econômicos e culturais.

Já a Museografia configurou-se ao longo do tempo como o conjunto de práticas de conservação, expografia e demais ações técnicas desenvolvidas pelos museus e seus gestores em busca da salvaguarda e disseminação de conhecimento através dos suportes de informação (GUARNIERI, 1979, p. 78, 79). Visto essa classificação, é possível afirmar que esta ciência tem potencial para propor ações de preservação e difusão patrimonial frente ao legado Guarani do chimarrão, a exemplo deste trabalho. Seja por meio de metodologias participativas extramuros ou mesmo dentro de um museu, o desempenho da ação museológica apresenta a possibilidade de colaborar para a reformulação e exposição de uma Nova História Indígena para a sociedade.

Assim, Guarnieri (1979) defende que a interdisciplinaridade deve ser o método que permeia tanto as ações museográficas como o aporte teórico da Museologia. Ainda segundo a autora, o uso e a abordagem da diversidade de perspectivas, pesquisas e práticas possibilitam não só a potencialização do papel social e de transformação, mas também do caráter plural e democrático que os museus vêm expressando nos últimos anos – dentro do movimento para uma Nova Museologia<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> De acordo com Duarte (2013, apud VIEIRA, 2019, p.230) a Nova Museologia propõe uma reflexão do papel político dos museus. A base de suas formulações teóricas está descrita nos documentos da mesa-redonda realizada pelo International Council of Museums (ICOM), em Santiago (Chile), em 1972 e da Declaração de Québec

Neste contexto, Guarnieri (1979) defende que o museólogo, podendo escolher entre o retrocesso ou o devir, torna-se um ser cientista e trabalhador social não-neutro, e, por isso, dotado de funções permeadas pelas desigualdades e tensões políticas, econômicas e sociais. Para Guarnieri (s.d, p.242), é aquele que, como agente cultural e difusor da ação museológica, tem o potencial de promover:

[...] uma possibilidade de crescimento e aprofundamento da consciência, uma consciência crítica e histórica que possibilita a ação; a ação na qual o homem exerce sua plena humanidade, pois só se é humano no pleno exercício da liberdade e da criação.

Assim, o museólogo tem sua função de trabalhador social alcançada ao viabilizar a participação ativa em detrimento à passividade – antes cultivada nos primórdios de sua origem por meio da simples contemplação. Logo, o público museal, assim como o não-público, passa a encontrar nas instituições museológicas e no papel do museólogo, como mediador do fato "museal", não só uma dimensão para o florescimento de sua natureza questionadora – constantemente à procura de seu devir – mas também a construção e/ou reconhecimento de sua identidade cultural. Estimulando-se, assim:

[...] a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando a construção de uma nova prática social. (SANTOS, 2008, p.111).

Da mesma forma, uma nova prática social para o profissional museólogo é a curadoria compartilhada. Esta metodologia engloba a colaboração e, portanto, o trabalho em conjunto. Não mais se tem a figura de um só curador, mas a de vários curadores, ou seja, diferentes mentes e perspectivas frente a um tema em comum problematizado. Para este trabalho acontecer, necessita-se cultivar a simetria e horizontalidade, a fim de que os curadores estejam presentes em todas as etapas e as decisões sejam tomadas em conjunto. Conforme Roca (2015 apud CURY, 2020, p. 140) é a colaboração um dos métodos para a indigenização do museu.

Propõe-se, portanto, a indicação de uma curadoria compartilhada entre profissionais de museus, estudiosos da temática e comunidades Mbya Guarani. A exemplo das exposições *Dja Guata Porã: Rio de Janeiro Indígena*<sup>42</sup>, realizada no Museu de Arte do Rio (MAR) entre 2017

---

(Canadá), em 1984, que fundou propriamente o Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM. O museu passaria a incorporar um papel educativo e uma relação mais simétrica com a população do seu entorno. A ênfase passa a ser menos no volume de público e mais na qualidade do que é apreendido pelo público na visita às exposições. De modo semelhante, evidencia a relação intrínseca entre aspectos materiais e imateriais dos artefatos, inseridos em contextos socioculturais. Entre os principais efeitos dessas problematizações podemos indicar a emergência das tipologias de ecomuseu e museu de comunidade.

<sup>42</sup> A exposição contou com a formação de quatro núcleos temáticos, os quais, respectivamente, faziam alusão aos Guarani, enquanto povo aldeado; os Puri, que estão no processo de ressurgência; os Índios em Contexto Urbano,

e 2018, e *Resistência Já!: Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena*<sup>43</sup> no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE-USP entre 2019 e 2020. Ambas as exposições contaram, em sua curadoria, com a presença indígena - em momentos como a elaboração das narrativas, a expografia e a mediação. Demonstram fazer parte das recentes experiências de descolonizar as práticas museológicas, oriundas do final do século XX<sup>44</sup>, ainda um tanto mantidas por relações de poder - sustentadas por hierarquias, e distantes das narrativas e memórias vivas indígenas. Nesse contexto e segundo Russi e Abreu (2019, p.20),

povos tradicionais e não ocidentais, que antes eram representados em grandes museus por meio de acervos muitas vezes conquistados em saques de empresas coloniais, em movimentos de cunho identitário reivindicaram reconhecimento e protagonismo na cena pública.

Recentemente, metodologias participativas como a curadoria compartilhada se encontram em expansão. É relevante, também, a criação e administração de museus pelas próprias comunidades indígenas, a exemplo do movimento da Rede Indígena de Memória e Museologia Social<sup>45</sup>. Ainda sobre a transformação das práticas museais, Cury afirma:

Os museus, por sua vez, vêm desenvolvendo outras práticas, pois as antigas não mais satisfazem os avanços das ciências sociais e humanas, logo, o museu deve acompanhar, modificando a sua rotina e metodologias, revendo as relações hierárquicas e disciplinares e reaplicando suas técnicas em prol da descolonização. (2017, p.190,191).

---

que representam os indígenas de diferentes etnias que residem na cidade; e os Pataxó, residentes no município de Paraty que buscam demarcação da terra, além de uma linha do tempo problematizando a presença indígena ao longo do tempo. (VIEIRA, 2019, p. 240-247).

<sup>43</sup> A exposição resultou em um trabalho colaborativo de curadoria entre o MAE e os grupos indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena (centro-oeste do Estado de São Paulo). A exposição mostra suas histórias e tradições ao expor objetos, vestimentas e fotografias selecionados pelos próprios indígenas. Informações em: <<http://mae.usp.br/exposicao-resistencia-ja/>>. Acesso em 02/10/2020.

<sup>44</sup> Ver Russi e Abreu (2019).

<sup>45</sup> Conforme Gomes (2019, p.347), “a Rede Indígena de Memória e Museologia Social, consiste em uma instância de organização e mobilização dos museus indígenas no Brasil, de caráter descentralizado e para onde convergem e entrecruzam-se práticas, discursos e trocas generalizadas, entre contatos presenciais (constantes) e digitais (ininterruptos), através dos quais interagem coletivamente étnicas que vem se apropriando das noções de “cultura” e “patrimônio” por meio de processos museológicos e museus, que constituem ferramentas de empoderamento potencializadas pelas ressignificações, apropriações e traduções produzidas sobre suas histórias, operadas como parte de “regimes de memória” associados aos movimentos indígenas dos quais fazem parte”. Informações em: <<https://www.facebook.com/redeindigenamemoria/>>. Acesso em 21/10/2020.

Como fortalecimento a esses processos, o Plano Nacional Setorial de Museus, importante política pública museal, segue a tendência da Nova Museologia e coloca como proposta prioritária:

Promover e garantir a identificação e o registro de memórias, manifestações culturais, saberes e fazeres dos diferentes segmentos sociais priorizando pequenas comunidades com ênfase na cultura étnica e popular e comunidades indígenas, afro-descendentes, valorizando o patrimônio imaterial brasileiro. (2010, p.29).

Assim, em conjunto com a elaboração de uma exposição, ressalta-se a urgência e demanda em se reconhecer o chimarrão - símbolo de identidade sul rio-grandense, como patrimônio indígena dentro das políticas e diretrizes de Estado, tais como a Lei nº 13.678 que dispõe sobre o Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio Grande do Sul e, a nível nacional, ao Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Conforme Art. 1º da Lei nº 13.678:

Constituem o patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul os bens culturais de natureza imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade gaúcha.

§ 1º - Entende-se como patrimônio imaterial o conjunto das manifestações, práticas e conhecimentos técnicos que têm como fontes a sabedoria, a prática, a memória e o imaginário das pessoas, transmitidos a gerações presentes e futuras pela tradição e pela identidade cultural vivenciadas no cotidiano das comunidades. (2011, p.1).

Dessa forma, vê-se a aproximação entre o bem cultural do chimarrão para as comunidades Guarani e as premissas de uma importante Lei Estadual, tornando-se mais uma justificativa para o reconhecimento. Recentemente, foi publicado Decreto de Regulamentação do Registro de Bens Culturais Imateriais do Estado (Nº 54.763), que regulamenta a Lei nº 13.678. O mesmo apresenta novas orientações para a inscrição de um bem como Patrimônio Imaterial, conforme Artigo 4, que indica a possibilidade de inscrever o chimarrão a partir de representantes do Povo Mbya Guarani:

Art. 4º O requerimento para a instauração do processo administrativo de registro será dirigido à Secretaria da Cultura e poderá ser apresentado pelos seguintes órgãos e instituições: I - Secretarias e Conselhos de Cultura dos Municípios, bem como órgãos e entidades municipais responsáveis pela área cultural; II - organizações, associações da sociedade civil e representações de coletivos sociais, étnicos e identitários da sociedade sul-riograndense; e III - instituições de ensino e pesquisa com sede e funcionamento no Estado. (2019, p.2).

Torna-se essencial, portanto, a divulgação destas políticas públicas entre as comunidades indígenas pois, com o uso das mesmas, têm espaço para desempenhar projetos que retornem aos grupos positivamente e beneficiem o seu desenvolvimento social. Ainda, de acordo com o

Artigo 15 da Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (2003, p.8), cada Estado deverá assegurar a participação das comunidades, grupos e indivíduos na gestão dos seus patrimônios. Dentro de um âmbito nacional, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) foi instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 e, conforme publicado no Site do IPHAN,

viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem. É um programa de apoio e fomento que busca estabelecer parcerias com instituições dos governos federal, estaduais e municipais, universidades, organizações não governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura e à pesquisa. (IPHAN, doc. eletr.).

Dentre as ações do Programa, encontra-se o Inventário Nacional de Referências Culturais, metodologia de pesquisa empregada na identificação e salvaguarda de referências identitárias para determinados grupos sociais formadores da nação. Sobre esse inventário e os elementos da nossa cultura regional, a reportagem veiculada no Jornal Sul21 aponta que,

A tradição gaúcha costuma ser representada país afora e dentro do próprio Estado por meio das figuras da bombacha, do chimarrão, do churrasco, do gaúcho pilchado montado em seu cavalo. Todas elas fazem parte do cotidiano real ou idealizado da maioria da população do Rio Grande do Sul que, por outro lado, desconhece partes importantes da história da formação do Estado. Um trabalho realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) vem ajudando a trazer à luz parte dessa história ainda desconhecida. O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. O Inventário Nacional de Referências Culturais, que integra o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, é a ferramenta que vem resgatando e documentando artes, ofícios, formas de expressão e modos de fazer de grupos sociais muitas vezes relegados ao esquecimento. (Jornal Sul21, 19/08/2017, doc. eletr.).

Ressalta-se a diretriz do inciso XIV do Artigo 1º, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais que garante “a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica”. Como ação, e no contexto do universo cultural do Povo Guarani, ainda muito invisibilizado pelo mundo não-indígena, realizou-se o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do povo Guarani Mbyá. Conforme Documento em anexo ao INRC,

Em 2009, o IPHAN iniciou o inventário brasileiro no âmbito do Programa Multinacional Valorização do Mundo Cultural Guarani, tendo sua primeira etapa executada por meio de convênio e cooperação técnica celebrado entre o IPHAN e o

Centro de Trabalho Indigenista - CTI, e aporte financeiro da Agência Espanhola para Cooperação e Desenvolvimento – AECID. Essa primeira etapa teve como foco: - a articulação com lideranças e representantes Mbyá Guarani, a fim de apresentar o projeto para as comunidades e submetê-lo a sua apreciação, de forma a incorporar as questões, preocupações e orientações do povo Mbyá Guarani no desenvolvimento das atividades previstas. (IPHAN, doc. eletr.).

No entanto, nestes trabalhos não foi verificada atenção dada à relação do Povo Guarani com a *ka'a*, demonstrando uma lacuna na identificação e registro desta importante manifestação cultural nessa realidade ameríndia. Ademais, referente ao chimarrão e à erva-mate foram solicitados outros reconhecimentos patrimoniais que não incluem diretamente os Guarani, tais como o projeto “Patrimônio Imaterial do Chimarrão: o Chá da Amizade”<sup>46</sup>. Identificou-se o projeto “Carijo: Herança do Conhecimento Ancestral na Fabricação Artesanal da Erva-mate (IPHAN)”<sup>47</sup>, o qual apresenta informações sobre a contribuição histórica e presente do Povo Guarani no manejo da erva-mate mas sem no entanto se aprofundar no assunto, uma vez que dá atenção à relação dos agricultores familiares com o Carijo. Desse projeto realizou-se a elaboração de kits contendo o documentário Carijo, do qual foram retirados alguns depoimentos citados nesta pesquisa, além de uma cartilha instruindo o preparo do Carijo e um livreto contendo a dissertação de mestrado do biólogo Moisés da Luz.

Como expressado anteriormente, é visível o anseio por parte das coletividades indígenas em se retomar as práticas ancestrais e transmiti-las às futuras gerações. Esse movimento se explica pela revitalização cultural que ocorre nas aldeias Guarani que, muitas vezes situadas em territórios impróprios para a total expressão de sua cultura, buscam recursos e alternativas para manter vivas suas tradições. É o caso de diversos projetos institucionais que convergem suas ações para contribuir na continuidade e o fortalecimento desta cultura. São exemplos projetos de organizações governamentais como o Programa de Apoio às Comunidades Mbya Guarani da BR116 - FAPEU, que realiza uma série de atividades fundiárias (compra de terras) e culturais (promoção e comércio do artesanato) como medida compensatória da duplicação

---

<sup>46</sup> Há 10 anos o Núcleo de Cultura de Venâncio Aires (Nucva), iniciou trabalho de pesquisa para transformar o chimarrão em patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul junto ao IPHAN. Informações em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1107780-5598,00-GAUCHOS+QUEREM+TRANSFORMAR+CHIMARRAO+EM+PATRIMONIO+IMATERIAL.html>>. Acesso em: 15/08/2020.

<sup>47</sup> O Projeto Carijo: Herança do Conhecimento Ancestral na Fabricação da Erva-mate objetivou, em 2011, o registro do modo de fazer artesanal da erva-mate e sua difusão junto ao IPHAN.

das rodovias (locais em que se encontravam instaladas as comunidades). Também é relevante o trabalho de organizações e instituições não-governamentais como ANAMA - Ação Nascente Maquiné, que constantemente trabalha para doar mudas nativas, priorizando aquelas de uso tradicional Guarani, aos coletivos situados no litoral gaúcho. Além disso, a organização promove formações de saberes tradicionais entre os Mbya Guarani, como o manejo de mel e das tradicionais roças.

Dessa forma, seriam potenciais parceiros para se desenvolver projetos envolvendo a *ka'a*, desde a doação e plantio de mudas de erva-mate até o desenvolvimento de oficinas de Carijo nas comunidades Mbya Guarani. Projetos esses que, em conjunto com a elaboração de uma exposição, resultariam em processos educativos não-formais capazes de rememorar e difundir - aos indígenas e não-indígenas, essa herança ancestral e sagrada que é tão cara à sobrevivência do povo Guarani.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou evidenciar o chimarrão como legado da cultura viva do povo Mbya Guarani no Rio Grande do Sul. Para tanto, foram analisadas fontes bibliográficas referentes à história permeada pelo contato com a erva-mate - entre indígenas e colonizadores ao período das Reduções Jesuíticas. Foi possível observar a trajetória de resistência dos Guarani para com a erva-mate - um elemento de carga e importância espiritual convertido em força de trabalho escravo nos ervais. A pesquisa também sustentou-se em depoimentos de representantes da cultura Mbya Guarani para indicar que a manifestação cultural do chimarrão é viva, vinculada a uma tradição indígena e importante elemento presente no cotidiano das comunidades. Destaca-se a consulta realizada entre os Guarani, uma vez que dão voz às memórias que muitas vezes não estão inseridas na historiografia tradicional e livros didáticos. Este trabalho possibilitou, portanto, somar esforços para a escrita da Nova História Indígena.

Verificou-se que a invisibilidade da contribuição Guarani para o hábito arraigado do chimarrão está, em parte, relacionada à tradição inventada manifestada na construção da figura do gaúcho e do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), a exemplo das representações realizadas no acampamento Farroupilha. Nesse sentido, a apropriação cultural se apresenta como mecanismo de esmaecimento desta contribuição cultural do povo Mbya Guarani. Constatando, dessa forma, a invisibilização da presença e do protagonismo que em geral passam os povos indígenas nas narrativas oficiais e dinâmicas atuais, iniciado no período colonizatório.

Em paralelo, apesar de poucas, devido à inadequação das terras para o plantio de erva-mate nas aldeias, determinadas comunidades Mbya Guarani realizam o Carijo - técnica ancestral de fabricação da erva-mate, demonstrando a continuidade de uma cultura milenar. Sendo relevante destacar a relação da manutenção cultural e espiritual com o território - uma vez que muitas aldeias estão situadas em terrenos inférteis e/ou inadequados ao cultivo de plantas consideradas sagradas, representadas neste estudo pela *ka'a* - a erva-mate. A exemplo, muitos Guarani não têm a oportunidade de consumir um chimarrão com a erva-mate verdadeira - *ka'a hete'i*, nem mesmo participar de Carijos e ritos de batismo. Consequentemente, o desempenho do *Mbya Reko* - o modo de ser e viver, é afetado. Importa, dessa maneira, visibilizar a luta pela retomada de terras originárias que, consequentemente, possibilita retomar as tradições culturais. Ademais, impulsionar projetos de reconhecimento das técnicas



tradicionais, como o Carijo, a fim de manter viva a tradição e tecnologia ancestral que, também, pode gerar desenvolvimento econômico sustentável para as aldeias.

O chimarrão enquanto patrimônio vivo se manifesta, então, como elemento de valor alimentar e espiritual, sendo também narrado em mitologias, compartilhadas entre as gerações. Torna-se essencial preservar e divulgar essas memórias entre a sociedade indígena e não-indígena, uma vez que demonstram a contribuição cultural ameríndia na construção da identidade sul riograndense. Dessa forma, o conhecimento e o reconhecimento do chimarrão como patrimônio indígena é relevante não só para contribuir na preservação da diversidade étnica e cultural do país, mas também para a valorização e o respeito para com os povos originários e suas memórias e legados ancestrais. Importa, portanto, dar continuidade às pesquisas acadêmicas e projetos realizados de maneira colaborativa junto aos coletivos indígenas, prezando sempre pela horizontalidade, a escuta e o respeito à subjetividade e memória do outro.

Constatou-se que a disseminação de informações sobre os saberes e fazeres envoltos pela relação com a erva-mate, o hábito do chimarrão e a transmissão desta tradição entre gerações, através de uma exposição de curadoria compartilhada entre os Guarani, estudiosos da temática e profissionais dos museus tem o potencial de fortalecer a manutenção da cultura, memória e patrimônio vivos do povo Mbya Guarani. Sendo a Museologia, especificamente a Nova Museologia, Ciência potencial para mediar o diálogo intercultural da tradição do chimarrão Guarani, uma vez que em seus processos de elaboração e exposição de narrativas permite apresentar temas muitas vezes desconhecidos pela sociedade, tal qual é o legado do chimarrão. Fortalecendo, também, a valorização identitária das comunidades indígenas, as quais têm, em seus depoimentos sobre *ka'ay* e *ka'a*, a afirmação e potência de uma cultura que é viva.

Esses processos contribuem, também, para visibilizar a luta pela terra originária que permite o seu *Mbya reko*. Ademais, constatou-se que ativar os mecanismos legais que permitem o reconhecimento do chimarrão como patrimônio cultural imaterial do povo Mbya Guarani, a partir de políticas públicas e constitucionais, possibilitam dar espaço ao seu protagonismo e voz às suas demandas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; RUSSI, Adriana. **“Museologia colaborativa”**: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 17-46, jan./abr. 2019.
- AFONSO, Germano Bruno. MOSER, Alvino. AFONSO, Yuri Berri. **Cosmovisão Guarani e Sustentabilidade**. Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade | vol. 8, n.4 | jan – jun 2015.
- BARBOSA, Ronaldo Antônio. **Agricultura tradicional Guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2015. 58p. Disponível em: <<https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Ronaldo-Antonio-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 06/08/2020.
- BOGUSZEWSKI, José Humberto. **Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações**. 130p, 2007. Dissertação do Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/10382>. Acesso em: 10/10/2019.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 17/10/2020.
- \_\_\_\_\_. LEI Nº 7.439, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1980. Institui a Erva-Mate "Ilex Paraguariensis" como a Árvore Símbolo do Rio Grande do Sul. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXTO&Hid\\_TodasNormas=25602&hTexto=&Hid\\_IDNorma=25602](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=25602&hTexto=&Hid_IDNorma=25602)>. Acesso em 15/09/2020.
- \_\_\_\_\_. LEI Nº 11.929, DE 20 DE JUNHO DE 2003. Institui o churrasco como "prato típico" e o chimarrão como "bebida símbolo" do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.929.pdf>>. Acesso em 15/09/2020.
- \_\_\_\_\_. LEI Nº 13.678, DE 17 DE JANEIRO DE 2011. Dispõe sobre o patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2013.678.pdf>>. Acesso em: 20/09/2020.
- \_\_\_\_\_. DECRETO Nº 54.763, DE 17 DE AGOSTO DE 2019. Regulamenta a Lei nº 13.678 de 17 de janeiro de 2011, que dispõe sobre o Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190846/26174650-dec-54-763-patrimonio-imaterial.pdf>>. Acesso em: 20/09/2020.
- \_\_\_\_\_. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/decreto/d6040.htm)>. Acesso em: 05/09/2020.

CARIJO. Direção e Produção do Catarse - Coletivo de Comunicação e Produção Cultural. Brasil/RS. 2014. (58'44 min). Disponível em:

<<https://m.youtube.com/watch?v=B6eYnbNQV5o>>. Acesso em 18/05/2018.

CARIJO GUARANI. Realização: Comunicação Kuery. 2015. (4'55min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=l6vsZYNzZAK&t=14s>>. Acesso em 15/09/2019.

CARTILHA CARIJO. Realização: Catarse - Coletivo de Comunicação e Produção Cultural, 2014. 20p. Disponível em: <[https://issuu.com/catarse/docs/carijo\\_cartilha\\_e36393cfbb9dba](https://issuu.com/catarse/docs/carijo_cartilha_e36393cfbb9dba)>.

Acesso em: 10/09/2018.

COMISSÃO GUARANI YVYRUPA (CGY). Disponível em: <<http://www.yvyrupa.org.br/>>.

Acesso em 10/10/2020.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL

IMATERIAL. UNESCO. 2003. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em 23/09/2020.

COSSIO, Rodrigo Rasia. **Etnoecologia caminhante, oguata va'e, em trilhas para descolonização de relações interculturais: circulação de pessoas e plantas Mbya Guarani entre Brasil e Argentina**. 2015, 222p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/132945>>. Acesso em: 15/11/2019.

CURY, Marília Xavier. **LIÇÕES INDÍGENAS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DOS MUSEUS: PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM DISCUSSÃO**. Cadernos CIMEAC – v. 7. n. 1, 2017. ISSN 2178-9770. Uberaba – MG, Brasil. 2017.

CURY, M. Xavier (2020). **Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena**. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9(17), 129-146. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.29480>.

DA SILVA, Darci. **Nhemongaraí: Rituais de Batismo Mbya Guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020. 50p.

DICIONÁRIO ONLINE MICHAELIS. Definição de “antrópico”. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=antr%C3%B3pico>>. Acesso em 12/10/2020.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; ESSELIN, Paulo Marcos. **Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278- 318, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/54747/36138>>. Acesso em: 16/10/2020.

EXPOSIÇÃO DJAGUATA PORÃ: Rio de Janeiro Indígena. Depoimento de Ariel Kuaray Ortega. Museu de Arte do Rio de Janeiro. 2017-2018.

FAGUNDES, Glênio Cabral Portela. **Cevando Mate**. 1986, 135p. 9ª edição. Martins Livreiro ED: Porto Alegre.

FILHO, Eduardo Gomes da Silva. **A Nova História Indígena: Um olhar atemporal**. Revista Manduarisawa Manaus, vol. 3, nº 01, 2019.

GAÚCHOS querem transformar chimarrão em patrimônio imaterial. Jornal G1, 05/05/2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1107780-5598,00-GAUCHOS+QUEREM+TRANSFORMAR+CHIMARRAO+EM+PATRIMONIO+IMATERIAI.html>>. Acesso em: 15/08/2020.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36806/1/TESE%20Alexandre%20Oliveira%20Gomes.pdf>>. Acesso em: 21/10/2020.

GOMES, Laercio Karai. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IECAM. Livro Projeto Ar, Água e Terra. 2018. 100p. Disponível em: <[https://issuu.com/iecamrs/docs/livro\\_iecam\\_9\\_mb](https://issuu.com/iecamrs/docs/livro_iecam_9_mb)>. Acesso em: 05/06/2020.

IECAM. Site do Instituto de Estudos Culturais e Ambientais. Disponível em: <<https://www.projeto.iecam.org.br/guarani>>. Acesso em: 10/10/2020.

INRC no âmbito do Projeto “Valorização do Mundo Cultural Guarani” (IPHAN/CTI). 2008/2009, 71p. Disponível em: <https://guarani.map.as/media/FICHADESITIO.pdf>. Acesso em: 10/12/2019.

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do povo Guarani Mbyá. Anexo I. 4p. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Anexo%20%201a.pdf>>. Acesso em 05/04/2020.

IPHAN. Carijó - Herança do Conhecimento na Fabricação da Erva Mate. 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1008/>>. Acesso em 20/09/2020.

IPHAN. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/>> Acesso em: 14/09/2020.

IPHAN. Lugar de referência para o povo Guarani é reconhecido como Patrimônio Cultural do MERCOSUL. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4883>> Acesso em 14/09/2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Guarani-Mbya: povos indígenas no Brasil. Pib socioambiental. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_Mbya](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya)>. Acesso em: 20/09/2020.

KA'AGUY RUPA. Realização: Comunicação Kuery/Coletivo Audiovisual de Jovens Mbyá-Guarani. Apoio: Catarse - Coletivo de Comunicação e Produção Cultural e Fundação Luterana de Diaconia. Brasil/RS. 2018. (28 min). Disponível em : <<https://comunicacaokuery.wordpress.com/2018/04/22/kaaguy-rupa-2/>>. Acesso em 28/07/2018.

KUSCH, Rodolfo. **El pensamiento indígena y popular en america y la negación del pensamiento popular**. Rosario: Fundación A. Ross, 2012.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **História do chimarrão**. 3ª edição. Sulina: Porto Alegre, 1986 [1953]. 112 p.

LUZ, Moisés da. **Carijos e Barbaquás no Rio Grande do Sul: Resistência Camponesa e Conservação Ambiental no Âmbito da Fabricação Artesanal de Erva-Mate**. 2011, 223p. Trabalho de Conclusão do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2011.

LUZ, Moisés da. **Carijo: saber cultural do Rio Grande do Sul, símbolo da resistência e conhecimento indígena e camponês na fabricação artesanal de erva-mate**. Porto Alegre: Catarse, 2014. 148p.

MIRIM, Luciana Gomes Leopoldino Pará. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

MOREIRA, Sergio Kuaray. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

NOUHUY, Iana Scopel van. **Mbya Guarani e a paisagem florestal como ambiente educativo**. 2018, 43p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Biológicas - Instituto de Biociências. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198220>>. Acesso em: 15/09/2020.

OLIVEIRA, Lizete Dias De. **Les Réductions Guarani de la Province Jésuite du Paraguay** (Etude historique et sémiotique). Tese de Doutorado. Université de Paris I (Panthéon-SORBONNE), 1997.

OLIVEN, Ruben George. **O Processo de Construção da Identidade Gaúcha**. In: 200 anos definindo espaços na história nacional/organizado por Ana Luiza Setti Reckziegel, Loiva Otero Félix. Passo Fundo: UPF, 2002. 409p.

CHRISTIDIS, Danilo; POTY, Vherá. OS GUARANI-MBYÁ. Porto Alegre: Wences Design Criativo, 2015. - 176p. Color: 21x15cm.

Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020 (2010: Brasília - DF). Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. - Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010. Disponível em:

<<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em 20/08/2020.

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, 1987. 3a edição, 2000.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Museologia e museu** (1979). In: BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, v. 1.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Reflexões sobre a Nova Museologia**. In: Encontros Museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro, Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SOUZA, Cristiano Kuaray Dario de. Entrevista de história oral: memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay*. [Entrevista cedida a] Daniela Mei Lipp Nissinen. Porto Alegre, 2020.

SOUZA, Ismael de. **Histórias e Narrativas Guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020. 58p. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204880/TCC%20Ismael%20de%20Souza.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10/09/2020.

SPEROTTO, Fernanda Camargo. **Os Guarani e a erva-mate. Trabalho indígena, resistência e adaptação nos ervais do Guairá (1609-1630)**. 2018, 43p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189521>. Acesso em: 15/10/2019.

TAVA Guarani, moradas de Nhanderu e Porongos: o patrimônio imaterial desconhecido do RS. *Jornal Sul21*, Porto Alegre, 19/08/2017.. Disponível em:  
<<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/08/tava-guarani-moradas-de-nhanderu-e-porongos-o-patrimonio-imaterial-desconhecido-do-rs/>>. Acesso em 17/09/2018.

STUMPF et al. REFLEXÕES A PARTIR DE REGISTROS DE PERCEPÇÕES DOS MBYA GUARANI SOBRE INTERCULTURALIDADE EM AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 130-169, jan./jun. 2017.

TEMPASS, Martín César. **Orerémbiú : a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani**. 2005, 156p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5187>. Acesso em: 30/10/2019.

\_\_\_\_\_. **A distribuição de “cestas básicas” para os Mbyá-Guarani: impactos e representações**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto Seguro. Anais eletrônicos. Porto Seguro: ABA, 2008. Disponível em  
<<https://silo.tips/download/a-distribuihao-de-cestas-basicas-para-os-mbya-guarani-impactos-e-representacoes-1>>. Acesso em: 27/09/2020.

\_\_\_\_\_. **O belo discreto: a estética alimentar Mbyá-Guarani.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 170-194, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/2567/1568>>. Acesso em 27/09/2020.

UNESCO. PATRIMONIO VIVO Y PUEBLOS INDIGENAS - CONVENCION PARA LA SALVAGUARDIA DEL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL. 2019. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/doc/src/Brochure-indigenous-people-201904-ES.pdf>>. Acesso em: 05/11/2019.

VIÇOSA, Raquel Maria de Oliveira; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. ESCOLA DIFERENCIADA GUARANI: ENTRE O VIVER SEMINAL E O VIVER OCIDENTAL. HOLOS, [S.l.], v. 8, p. 180-189, jan. 2016. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2430/1320>>. Acesso em: 17 out. 2020. doi:<https://doi.org/10.15628/holos.2015.2430>.

VÍDEO “Palavras de Seu José Verá Rodrigues. Ala Nuiza, 2020.10”18min.

VÍDEO NAS ALDEIAS. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/>>. Acesso em: 20/09/2020.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. Dja Guata Porã: o rio indígena que desaguou no MAR. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 53, p. 227-256, abr. 2019. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832019000100227&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000100227&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02/10/2020. Epub 25-Abr-2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832019000100009>.

OLIVEIRA, Lizete Dias. **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul.** Organização de Elaine da Silveira e Lizete Dias de Oliveira. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. 156 p.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** Coleção Femininos plurais. 117p. 2019.

## APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DE TERMOS DA LÍNGUA GUARANI

Este glossário foi elaborado pela autora a partir do aprendizado e convivência com as comunidades Mbya Guarani, bem como da realização desta pesquisa. Traz, portanto, os significados de elementos da cosmovisão Guarani aqui expostos.

**Angu'a** - pilão

**Ara Pyau** - tempo novo/primavera-verão

**Ara Ymã** - tempo velho/outono-inverno

**Avaxi** - milho

**Jeguatá** - caminhada

**Jurua** - não-indígena

**Kuery** - coletivo

**Ka'a** - erva-mate

**Ka'ay** - chimarrão

**Ka'axã'i** - feixe de erva-mate

**Ka'a hete'i** - erva-mate verdadeira

**Ka'a Nhemongaraí** - rito de batismo envolvendo a erva-mate

**Ka'a omombiru** - sapecando a erva-mate

**Ka'a omoxã** - separando os feixes de erva-mate

**Ka'a omongu'i** - triturando as folhas de erva-mate

**Ka'aguy** - mata verdadeira

**Ka'a Yari** - a Deusa da erva-mate

**Kayguá** - cuia

**Karaí** - líder espiritual

**Kunhã Karaí** - líder espiritual feminina

**Mbya/Nhande reko** - modo ser Mbya Guarani

**Nhanderu** - nosso pai/Deus



**Nhamandu** - sol

**Nhemongaraí** - rito de batismo

**Opy** - casa de reza/celebração

**Petyngua** - cachimbo Mbya Guarani

**Potirõ** - mutirão, trabalho em conjunto

**Takuapi** - bomba de taquara

**Tupã** - Deus dos raios

**Tekoa** - aldeia, lugar em que se pode ser Mbya Guarani

**Xondaria** - guerreira

**Yeruá** - cabaça/porongo

**Yvyrupa** - território, terra sem fronteiras

### APÊNDICE B - Carta de apresentação

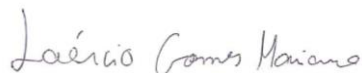
MEU NOME É DANIELA MEI LIPP NISSINEN. SOU ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (CURSO DE MUSEOLOGIA) E ESTOU AQUI PARA FAZER UMA PESQUISA A PARTIR DA CONVIVÊNCIA COM PESSOAS DA COMUNIDADE MBYA GUARANI NO RS.

PEÇO TUA PERMISSÃO, ENQUANTO INTEGRANTE DA ALDEIA, PARA CONVERSAR, ACOMPANHAR VOCÊ E A TUA COMUNIDADE NAS SUAS ATIVIDADES, E TIRAR FOTOS (SE TU QUIZER). HAVENDO TUA AUTORIZAÇÃO PARA TIRAR FOTOS, COMPROMETO EM TRAZER CÓPIAS PARA TI. GARANTO QUE A TUA PARTICIPAÇÃO NESSA PESQUISA NÃO VAI TE TRAZER NENHUM RISCO. CASO TU DESEJARES, A QUALQUER HORA TU PODERÁS PARAR E SE RETIRAR DA PESQUISA, SEM QUE ISSO TE TRAGA NENHUM PREJUÍZO. ALÉM DISSO, GARANTO QUE TUAS FALAS SERÃO ASSOCIADAS COM A TUA PESSOA, E TU PODERÁS LER JUNTO COMIGO O TRABALHO ANTES DE ELE SER PUBLICADO, TENDO LIBERDADE PARA ACRESCENTAR, EXCLUIR, OU MODIFICAR O CONTEÚDO. ABAIXO EU DEIXO OS MEUS TELEFONES, ASSIM COMO O TELEFONE DE MINHA ORIENTADORA DA UFRGS

DANIELA MEI LIPP NISSINEN: (51) 981838844 E (51) 33334378;  
ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA: (51) 998387844

“DEPOIS DE EU TER SIDO ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA, DE SEU OBJETIVO, DE COMO VAI SER FEITA, DO DIREITO QUE EU TENHO DE NÃO PARTICIPAR OU DESISTIR DELA SEM PREJUÍZO PARA MIM E TENDO RECEBIDO UMA CÓPIA DESTE TERMO, EU CONCORDO, COMO INTEGRANTE DA COMUNIDADE DA TEKOA NHUNDY - VIAMÃO/RS, EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA”.

DATA: 20/10/2020 LOCAL: PORTO ALEGRE-RS




---

LAERCIO KARAI GOMES  
(TEKOA NHUNDY - VIAMÃO/RS)




---

DANIELA MEI LIPP NISSINEN  
(ESTUDANTE MUSEOLOGIA/UFRGS)

\*Adaptado de Gustavo Peruzzo (2018)

### APÊNDICE C - Carta de apresentação

MEU NOME É DANIELA MEI LIPP NISSINEN. SOU ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (CURSO DE MUSEOLOGIA) E ESTOU AQUI PARA FAZER UMA PESQUISA A PARTIR DA CONVIVÊNCIA COM PESSOAS DA COMUNIDADE MBYA GUARANI NO RS.

PEÇO TUA PERMISSÃO, ENQUANTO INTEGRANTE DA ALDEIA, PARA CONVERSAR, ACOMPANHAR VOCÊ E A TUA COMUNIDADE NAS SUAS ATIVIDADES, E TIRAR FOTOS (SE TU QUIZER). HAVENDO TUA AUTORIZAÇÃO PARA TIRAR FOTOS, COMPROMETO EM TRAZER CÓPIAS PARA TI. GARANTO QUE A TUA PARTICIPAÇÃO NESSA PESQUISA NÃO VAI TE TRAZER NENHUM RISCO. CASO TU DESEJARES, A QUALQUER HORA TU PODERÁS PARAR E SE RETIRAR DA PESQUISA, SEM QUE ISSO TE TRAGA NENHUM PREJUÍZO. ALÉM DISSO, GARANTO QUE TUAS FALAS SERÃO ASSOCIADAS COM A TUA PESSOA, E TU PODERÁS LER JUNTO COMIGO O TRABALHO ANTES DE ELE SER PUBLICADO, TENDO LIBERDADE PARA ACRESCENTAR, EXCLUIR, OU MODIFICAR O CONTEÚDO. ABAIXO EU DEIXO OS MEUS TELEFONES, ASSIM COMO O TELEFONE DE MINHA ORIENTADORA DA UFRGS

DANIELA MEI LIPP NISSINEN: (51) 981838844 E (51) 33334378;  
ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA: (51) 998387844

“DEPOIS DE EU TER SIDO ESCLARECIDA SOBRE A PESQUISA, DE SEU OBJETIVO, DE COMO VAI SER FEITA, DO DIREITO QUE EU TENHO DE NÃO PARTICIPAR OU DESISTIR DELA SEM PREJUÍZO PARA MIM E TENDO RECEBIDO UMA CÓPIA DESTES TERMOS, EU CONCORDO, COMO INTEGRANTE DA COMUNIDADE DA TEKOA NHUNDY - VIAMÃO/RS, EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA”.

DATA: 20/10/2020 LOCAL: PORTO ALEGRE-RS



\_\_\_\_\_  
LUCIANA PARA MIRIM GOMES LEOPOLDINO  
(TEKOA NHUNDY - VIAMÃO/RS)



\_\_\_\_\_  
DANIELA MEI LIPP NISSINEN  
(ESTUDANTE MUSEOLOGIA/UFRGS)

\*Adaptado de Gustavo Peruzzo (2018)

### APÊNDICE D - Carta de apresentação

MEU NOME É DANIELA MEI LIPP NISSINEN. SOU ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (CURSO DE MUSEOLOGIA) E ESTOU AQUI PARA FAZER UMA PESQUISA A PARTIR DA CONVIVÊNCIA COM PESSOAS DA COMUNIDADE MBYA GUARANI NO RS.

PEÇO TUA PERMISSÃO, ENQUANTO INTEGRANTE DA ALDEIA, PARA CONVERSAR, ACOMPANHAR VOCÊ E A TUA COMUNIDADE NAS SUAS ATIVIDADES, E TIRAR FOTOS (SE TU QUIZER). HAVENDO TUA AUTORIZAÇÃO PARA TIRAR FOTOS, COMPROMETO EM TRAZER CÓPIAS PARA TI. GARANTO QUE A TUA PARTICIPAÇÃO NESSA PESQUISA NÃO VAI TE TRAZER NENHUM RISCO. CASO TU DESEJARES, A QUALQUER HORA TU PODERÁS PARAR E SE RETIRAR DA PESQUISA, SEM QUE ISSO TE TRAGA NENHUM PREJUÍZO. ALÉM DISSO, GARANTO QUE TUAS FALAS SERÃO ASSOCIADAS COM A TUA PESSOA, E TU PODERÁS LER JUNTO COMIGO O TRABALHO ANTES DE ELE SER PUBLICADO, TENDO LIBERDADE PARA ACRESCENTAR, EXCLUIR, OU MODIFICAR O CONTEÚDO. ABAIXO EU DEIXO OS MEUS TELEFONES, ASSIM COMO O TELEFONE DE MINHA ORIENTADORA DA UFRGS

DANIELA MEI LIPP NISSINEN: (51) 981838844 E (51) 33334378;  
ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA: (51) 998387844

“DEPOIS DE EU TER SIDO ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA, DE SEU OBJETIVO, DE COMO VAI SER FEITA, DO DIREITO QUE EU TENHO DE NÃO PARTICIPAR OU DESISTIR DELA SEM PREJUÍZO PARA MIM E TENDO RECEBIDO UMA CÓPIA DESTES TERMOS, EU CONCORDO, COMO INTEGRANTE DA COMUNIDADE DA TEKOA TARUMÃ - ARAQUARI/SC, EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA”.

DATA: 20/10/2020 LOCAL: PORTO ALEGRE-RS




---

SERGIO KUARAY MOREIRA  
(TEKOA TARUMÃ – ARAQUARI/SC)




---

DANIELA MEI LIPP NISSINEN  
(ESTUDANTE MUSEOLOGIA/UFRGS)

\*Adaptado de Gustavo Peruzzo (2018)

### APÊNDICE E - Carta de apresentação

MEU NOME É DANIELA MEI LIPP NISSINEN. SOU ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (CURSO DE MUSEOLOGIA) E ESTOU AQUI PARA FAZER UMA PESQUISA A PARTIR DA CONVIVÊNCIA COM PESSOAS DA COMUNIDADE MBYA GUARANI NO RS.

PEÇO TUA PERMISSÃO, ENQUANTO INTEGRANTE DA ALDEIA, PARA CONVERSAR, ACOMPANHAR VOCÊ E A TUA COMUNIDADE NAS SUAS ATIVIDADES, E TIRAR FOTOS (SE TU QUIZER). HAVENDO TUA AUTORIZAÇÃO PARA TIRAR FOTOS, COMPROMETO EM TRAZER CÓPIAS PARA TI. GARANTO QUE A TUA PARTICIPAÇÃO NESSA PESQUISA NÃO VAI TE TRAZER NENHUM RISCO. CASO TU DESEJARES, A QUALQUER HORA TU PODERÁS PARAR E SE RETIRAR DA PESQUISA, SEM QUE ISSO TE TRAGA NENHUM PREJUÍZO. ALÉM DISSO, GARANTO QUE TUAS FALAS SERÃO ASSOCIADAS COM A TUA PESSOA, E TU PODERÁS LER JUNTO COMIGO O TRABALHO ANTES DE ELE SER PUBLICADO, TENDO LIBERDADE PARA ACRESCENTAR, EXCLUIR, OU MODIFICAR O CONTEÚDO. ABAIXO EU DEIXO OS MEUS TELEFONES, ASSIM COMO O TELEFONE DE MINHA ORIENTADORA DA UFRGS

DANIELA MEI LIPP NISSINEN: (51) 981838844 E (51) 33334378;  
ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA: (51) 998387844

“DEPOIS DE EU TER SIDO ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA, DE SEU OBJETIVO, DE COMO VAI SER FEITA, DO DIREITO QUE EU TENHO DE NÃO PARTICIPAR OU DESISTIR DELA SEM PREJUÍZO PARA MIM E TENDO RECEBIDO UMA CÓPIA DESTES TERMOS, EU CONCORDO, COMO INTEGRANTE DA COMUNIDADE DA TEKOA YVY’Ã POTY - CAMAQUÃ/RS, EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA”.

DATA: 20/10/2020 LOCAL: PORTO ALEGRE/RS

CRISTIANO KUARAY DARIO DE SOUZA  
(TEKOA YVY’Ã POTY - CAMAQUÃ/RS)

DANIELA MEI LIPP NISSINEN  
(ESTUDANTE MUSEOLOGIA/UFRGS)

\*Adaptado de Gustavo Peruzzo (2018)

**APÊNDICE F - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas**

LAÉRCIO GOMES MARIANO, brasileiro, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº 1114698184, inscrito no CPF/MF sob o nº 03287433059 residente e domiciliado (a) na ALDEIA NHUNDY- ESTIVA, nº S/N, RODOVIA RS-040 KM39 – PARADA 16 – BECO DOS ÍNDIOS, na cidade de VIAMÃO, Estado de RS, CEP: 94770991, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o Nº 92.969.856/0001-98, com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre/ RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “GUARDIÕES DO KA’AY (CHIMARRÃO): memória e patrimônio vivo da cultura Mbyá-Guarani”, coordenado pela Profª. Ana Celina Figueira da Silva, consoante as gravações a serem realizadas na cidade de PORTO ALEGRE, Estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, MP3, MP4, e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada à pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

PORTO ALEGRE-RS, 20/10/2020

Local

Data

*Laércio Gomes Mariano*

*Carolina Mei Lipp Nissinen*

Nome legível

Nome Legível

03287433059

CPF

859.869.920.91

CPF

**APÊNDICE G - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas**

LUCIANA GOMES LEOPOLDINO, brasileira, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº 2101358221, inscrito no CPF/MF sob o nº 025.270.990-09 residente e domiciliado (a) na ALDEIA NHUNDY- ESTIVA, nº S/N, RODOVIA RS-040 KM39 – PARADA 16 – BECO DOS ÍNDIOS, na cidade de VIAMÃO, Estado de RS, CEP: 94770991, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o Nº 92.969.856/0001-98, com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre/ RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “GUARDIÕES DO KA’AY (CHIMARRÃO): memória e patrimônio vivo da cultura Mbyá-Guarani”, coordenado pela Profª. Ana Celina Figueira da Silva, consoante as gravações a serem realizadas na cidade de PORTO ALEGRE, Estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, MP3, MP4, e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada à pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

PORTO ALEGRE-RS, 20/10/2020

Local

Data




Nome legível

Nome Legível

025.270.990-09  
CPF

859.869.920-91  
CPF

**APÊNDICE H - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas**

SERGIO MOREIRA, brasileiro, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº 6990409, inscrito no CPF/MF sob o nº 06886823914 residente e domiciliado (a) na ALDEIA TARUMÃ, BR 101 KM 64, BAIRRO CORVETA, na cidade de ARAQUARI, Estado de SC, CEP89245000, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o Nº 92.969.856/0001-98, com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre/ RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “GUARDIÕES DO KA’AY (CHIMARRÃO): memória e patrimônio vivo da cultura Mbyá-Guarani”, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Ana Celina Figueira da Silva, consoante as gravações a serem realizadas na cidade de PORTO ALEGRE, Estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, MP3, MP4, e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada à pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

PORTO ALEGRE-RS, 20/10/2020

Local

Data




Nome legível

Nome Legível

06886823914  
CPF

859.869.920-91  
CPF



**APÊNDICE I - Termo de autorização de uso de imagem, voz, nome e demais características físicas**

CRISTIANO DARIO DE SOUZA, brasileiro, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº 8118203366, inscrito no CPF/MF sob o nº 03479822045 residente e domiciliado (a) na ALDEIA YVY'Ã POTY, ESTRADA DO BONITO 4º DISTRITO nº S/N, na cidade de CAMAQUÃ, Estado de RS, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o Nº 92.969.856/0001-98, com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre/ RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “GUARDIÕES DO KA'AY (CHIMARRÃO): memória e patrimônio vivo da cultura Mbyá-Guarani”, coordenado pela Profª. Ana Celina Figueira da Silva, consoante as gravações a serem realizadas na cidade de PORTO ALEGRE, Estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, MP3, MP4, e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada à pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

PORTO ALEGRE-RS, 20/10/2020

Local

Data

*Cristiano dario de souza*

*Tania da Mei Lipp Nissinan*

Nome legível

Nome Legível

03479822045

859.869.920-91

CPF

CPF

## APÊNDICE J - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

**Entrevista de história oral:  
memórias e significados de *ka'a* e *ka'ay***

1. Entrevistados: Cristiano Kuaray Dario de Souza (Tekoa Yvy'ã Poty - Camaquã/RS), Laercio Karai Gomes (Tekoa Nhundy - Viamão/RS), Luciana Pará Mirim Gomes Leopoldino (Tekoa Nhundy - Viamão/RS), Sergio Moreira Kuaray (Tekoa Tarumã - Joinville/SC).

### Roteiro de entrevista semi-estruturada:

1. Qual a importância da *ka'a* e do *ka'ay* na sua vida?
2. Quem ou o que é *ka'a* para você?
3. Já participou de rituais envolvendo a *ka'a*?
4. Tens alguma lembrança de infância envolvendo *ka'a*?
5. Quantas vezes por dia costuma tomar *ka'ay*?
6. E *ka'ay*, quem você acha que inventou essa bebida?
7. O *ka'ay* e *ka'a* são sagrados para você? De que maneira-explique mais se puder.
8. O que é patrimônio para você? Acredita que o *ka'ay* é patrimônio de Mbya Kuery?
9. Qual sua opinião sobre o *ka'ay* estar relacionado à cultura tradicional gauchesca?
10. Você acha importante divulgar *ka'ay* como patrimônio indígena para a população do Rio Grande do Sul, além do Brasil?
11. Você sabe o que é um Carijo ou já participou de um?
12. Na sua Tekoa existe *ka'a* plantada ou nativa?
13. Você já tomou *ka'ay* com *ka'a* de terra Guarani?